



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - ProfLetras
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA**

BENEDITO SALAZAR SOUSA

**LETRAMENTO CIENTÍFICO A PARTIR
DE RELATÓRIOS DE PESQUISA NO ENSINO FUNDAMENTAL II:
UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

**ARAGUAÍNA-TO
2016**

BENEDITO SALAZAR SOUSA

**LETRAMENTO CIENTÍFICO A PARTIR
DE RELATÓRIOS DE PESQUISA NO ENSINO FUNDAMENTAL II:
UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado Profissional em Letras (ProfLetra), na Universidade Federal do Tocantins (UFT), Câmpus Universitário de Araguaína, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, sob a orientação do Prof. Dr. Wagner Rodrigues Silva.

**ARAGUAÍNA-TO
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP- Catalogação na Publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S725l Sousa, Benedito Salazar .
LETRAMENTO CIENTÍFICO A PARTIR DE RELATÓRIOS DE
PESQUISA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA INTERVENÇÃO
PEDAGÓGICA. / Benedito Salazar Sousa. – Araguaína, TO, 2016.
97 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do
Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-
Graduação (Mestrado) Profissional em Letras Ensino de Língua e
Literatura, 2016.

Orientador: Wagner Rodrigues Silva

1. Letramento. 2. Científico. 3. Ensino. 4. Fundamental. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

BENEDITO SALAZAR SOUSA

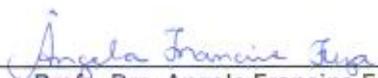
LETRAMENTO CIENTÍFICO A PARTIR
DE RELATÓRIOS DE PESQUISA NO ENSINO FUNDAMENTAL II:
UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

BANCA DE DEFESA

Palmas (TO), 13 de dezembro de 2016.



Profa. Dra. Livia Chaves de Melo (UFT)
Mediadora



Profa. Dra. Angela Francine Fuza (UFT)
Titular Interno



Prof. Dra. Cristiane Carvalho de Paula Brito (UFU)
Titular Externo

Prof. Dr. Carlos Roberto Ludwig (UFT)
Suplente

* Professora representante do Prof. Dr. Wagner Rodrigues Silva (Orientador), afastado para pós-doutorado na Aswan University, Egito.

Aos meus pais Raimundo Sousa e Creuza Dias Salazar (em memória), à minha querida esposa Eliane Fournier, aos meus filhos Bernardo Salazar, ao Bruno Magno Sousa, ao Expedito Claudenilton , ao Lucas Matheus Sousa , ao Leonardo Passos e ao Jodson Filho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao grande Deus que comanda o universo. Obrigado, Senhor, pela oportunidade de cursar este mestrado profissional na UFT. Em todos os momentos, senti que Deus conduziu o processo;

À minha querida esposa, Eliane Fournier da Silva Salazar, pelo apoio, motivação e por entender os momentos de isolamento. Obrigado por você estar sempre ao meu lado em todos os momentos. Agradeço ao meu filho caçula, Bernardo Fournier Salazar, que, mesmo nos primeiros meses de vida, foi uma força motivacional para eu não desistir do mestrado profissional;

Aos meus pais Raimundo Sousa e Creuza Dias Salazar (em memória) que, mesmo não tendo tido oportunidade de estudar, se esforçaram ao máximo para que eu fosse para escola. Gostaria muito que eles tivessem experienciado esta minha trajetória;

Aos meus filhos do coração Bruno Magno Rios de Souza, por ter me acompanhado algumas vezes até Araguaína, por sempre ter me deixado e buscado na rodoviária, por sempre atender meus pedidos e por ser meu filho e amigo; e Expedito Claudenilton Pereira, por me auxiliar em tudo sempre que solicitava, inclusive na formatação do texto; ao Jodson Moraes dos Santos Filho, por ter me auxiliado com programas de computador nos quais não domino e por sempre resolver meus problemas ligados à informática;

À diretora da Escola Municipal Tocantins, Terezinha Sodré, por abrir as portas da escola para o Letramento Científico, por me apoiar incondicionalmente durante o período do mestrado profissional. À minha querida Sandra Rios de Souza por me apoiar na condução da I AMOCITINS, por me ajudar na escola;

À Prefeitura Municipal de Imperatriz por ter, duas vezes, patrocinado a ida à FEBRACE juntamente com os alunos;

À gestora Regional de Educação, Prof. Dra. Orleane Evangelista de Santana, pelo apoio e incentivo na jornada acadêmica do mestrado profissional. À chefe do Departamento de Letras da UEMA, Prof. Dra. Maria da Guia Taveiro Silva, por ter me apresentado ao ProfLetras e por ter me dado total apoio para a conclusão do curso. Aos colegas professores da UEMA, em especial aos professores do Departamento de Letras;

Aos meus queridíssimos alunos da educação básica, em especial aos alunos da Escola Municipal Tocantins por terem sido os coparticipantes desta pesquisa. Aos colegas professores da EMT pelo apoio, meu muito obrigado;

Aos gestores do Colégio Adventista pela compreensão às muitas ausências das aulas, pelo apoio e incentivo financeiro. Aos meus alunos do Colégio Adventista por entenderem que eu precisava me ausentar da sala de aula;

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Wagner Rodrigues Silva, pela grande paciência, pela grande tolerância, pelos aconselhamentos, pelas advertências, por respeitar meus limites, por me proporcionar este grande crescimento acadêmico, por não desistir de mim; por ter sido mais que um orientador.

Ao meu colaborador, Prof. Dr. Bruno Gomes Pereira, pelas orientações e pelos conselhos preciosos;

À UFT que tão bem me acolheu, à coordenadora do ProfLetras, Prof. Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva, por proporcionar condições de participação nas aulas a todos os alunos, por, em alguns momentos, cuidar de mim como se fosse seu filho, meus sinceros agradecimentos. Aos secretários Aloisio Orione Bruno e Aleksandra Bezerra de Sousa pelo apoio constante;

Aos queridíssimos professores do Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade Federal do Tocantins, por terem sido humanos e ajudadores;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo incentivo e apoio financeiro;

Às famílias amigas que me acolheram na cidade de Araguaína. Aos meus colegas de turma do Mestrado pela convivência, cumplicidade e cuidado dispensado durante estes dois anos.

À banca de qualificação e examinadora, Prof. Dra. Livia Chaves de Melo que mediu os trabalhos e representou com maestria meu orientador Prof. Dr. Wagner Rodrigues Silva em estágio pós-doutorado no Egito, prof. Dra. Angela Francine Fuza e a Prof. Dra. Cristiane de Paula Brito, agradeço pelas muitas contribuições feitas nesta dissertação.

Passados os inúmeros anos de profícuo trabalho sobre o ensino de gramática, precisamos incorporar às investigações acadêmicas a significativa participação do professor e do aluno considerando, principalmente, a demanda por respostas mais imediatas às necessidades da sala de aula. (Wagner Rodrigues, 2011, p. 20).

RESUMO

Nesta dissertação, investigo como a abordagem do letramento científico pode desenvolver propriedades de escrita de aluno do ensino fundamental II a partir da catalisação de saberes advindos da produção do gênero relatório de pesquisa (RP). Para isso, lembro que tais textos foram submetidos ao procedimento de reescrita, motivado por uma intervenção didático-pedagógica que propus em conjunto com outros professores das demais disciplinas, tendo a Feira Científica como momento de culminância dessa intervenção. Essa pesquisa está situada no campo da Linguística Aplicada (LA), mais precisamente no que considero a seu papel interdisciplinar, pois a vejo como uma maneira inovadora de se produzir ciência no contexto do paradigma emergente, de maneira a atender as demandas mais contemporâneas dos estudos em Ciências Humanas e Sociais. Mobilizo, mais diretamente, os estudos do letramento como prática social, em especial os estudos do letramento científico como possibilidade de contribuição na área de ensino de Língua Portuguesa. O *corpus* dessa dissertação é constituído por 08 (oito) fragmentos de RP produzidos por alunos de 8º ano do ensino fundamental após a culminância de uma Feira de Ciências promovida pela escola, em 2015. Tomo tais RP como textos constituintes do *corpus*, mesmo sendo produzido a partir de “gêneros satélites”, tendo em vista que foram os textos produzidos ao final da intervenção pedagógica que propus. A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal Tocantins (EMT), localizada na cidade de Imperatriz, estado do Maranhão (MA). A investigação é desenvolvida em dois momentos: i) quando eu estava professor de Língua Portuguesa da referida turma; e ii) quando uma nova professora deu continuidade ao trabalho, em razão de minha licença, em função de minhas atividades acadêmicas do mestrado. A abordagem de pesquisa que assumo é qualitativa. Tomo esta abordagem como pertinente dado ao seu caráter interpretativista que me convidou a ter um olhar mais crítico e sensível durante o tratamento dos dados gerados. O tipo de pesquisa assumido é a pesquisa ação de caráter documental, uma vez que analiso os RP como instrumentos semiotizadores de práticas sociais específicas da intervenção que propus ao fim de uma série de atividades que os orientaram na produção escrita. Além disso, considero que tais RP são documentos que semiotizam situações interdiscursivas específicas do contexto em que tais documentos foram produzidos. As análises dos dados revelam um avanço significativo das habilidades de escrita dos alunos produtores dos RP, entendendo que o letramento científico contribuiu para uma minimização considerável das problemáticas desta modalidade da língua.

Palavras-Chave: Escrita; Gêneros discursivos; Feira de ciências; letramento científico

ABSTRACT

In this dissertation, I investigate how the approach of scientific literacy can develop reading, production writing properties of elementary students through the catalysis of knowledge resulting from the production of the research report (RR) genre. For this, I remember that these texts were submitted to the rewriting procedure, motivated by a didactic-pedagogical intervention that I proposed together with other professors from the other disciplines, with the Scientific Fair as the culmination of this intervention. This research is situated in the field of Applied Linguistics (LA), more precisely in what I consider to be its interdisciplinary role, since I see it as an innovative way of producing science in the context of the emerging paradigm, in order to meet the more contemporary demands of the studies In Human and Social Sciences. More directly, I mobilize literacy studies as social practice, specially the studies of scientific literacy as a possibility of contribution in the area of Portuguese Language teaching. The corpus of this dissertation is composed by 08 (eight) fragments of RPs produced by students of 8th grade of elementary school after the culmination of a Science Fair promoted by the school in 2015. I take these RR as constituent texts of the corpus, even though it is produced from "satellite genres", considering that they were the texts produced at the end of the pedagogical intervention that I proposed. The research was developed at the Municipal School Tocantins (EMT), located in the city of Imperatriz, state of Maranhão (MA). The research is developed in two moments: I) when I was a Portuguese Language teacher of the class; And II) when a new teacher continued the work, due to my license, and due to my academic activities of the Master's degree. The research approach I take is qualitative. I take this approach as pertinent given its interpretative character that invited me to take a more critical and sensitive look during the treatment of the data generated. The type of research undertaken is the documentary research action, since I analyze the RR as semi-instrumental instruments of social practices specific to the intervention that I proposed at the end of a series of activities that guided them in the written production. Moreover, I consider these RRs to be documents that semioticize interdiscursive situations specific to the context in which such documents were produced. The analysis of the data reveals a significant advance of the writing skills of the RR students, understanding that the scientific literacy contributed to a considerable reduction of the problems of this modality of the language.

Keywords:

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO I

Figura 01: Relação entre Letramento, Alfabetização e Escolarização	29
Figura 02: Princípios do Letramento Científico	39
Figura 03: Circuito do Letramento Científico	41

CAPÍTULO II

Figura 04: Localização geográfica da escola campo	46
Figura 05: Cena de uma feira de ciência sem critérios científicos	54
Figura 06: Cena de uma feira de ciência sem critérios científicos	56
Figura 07: Papel do orientador	59
Figura 08: Importância da pesquisa	60
Figura 09: Características do Pesquisador	62
Figura 10: Gênero âncora e Gêneros satélites	64

LISTA DE QUADROS

CAPÍTULO II

Quadro 01: Composição física da EMT	48
Quadro 02: Horário de Aula – Língua Portuguesa do oitavo ano A	58
Quadro 03: Dias e horário das oficinas aos professores	59
Quadro 04: Datas e horários das oficinas com os alunos	62
Quadro 05: Período e Atividade Desenvolvida	64
Quadro 06: Categorias analíticas e seus critérios semântico-discursivos	67

LISTA DE SIGLAS

AMOCITINS	Amostra Científica e Tecnológica da Escola Tocantins
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CLC	Circuito do Letramento Científico
EMT	Escola Municipal Tocantins
FEBRACE	Feira Brasileira de Ciências e Engenharia
FECITEC	Feira de Ciência e Tecnologia
LA	Linguística Aplicada
MA	Maranhão
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
ProfLetras	Mestrado Profissional em Letras
RP	Relatórios de Pesquisa
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Perguntas de Pesquisa	19
Organização dos Capítulos	20
CAPÍTULO I	
ESTUDOS DO LETRAMENTO COMO PRÁTICA SOCIAL	22
1.1. Letramentos: panorama introdutório	23
1.2. Contribuições do letramento científico para práticas escolares	36
CAPÍTULO II	
METODOLOGIA E CONTEXTO INVESTIGATIVO	45
2.1 Caracterização da escola campo	46
2.2 Caracterização da pesquisa	50
2.3 Geração dos dados	53
2.4 Gêneros produzidos na geração dos dados.....	65
CAPÍTULO III	
ANÁLISE DOS DADOS GERADOS	68
3.1 Análise dos resultados no primeiro momento da pesquisa	69
3.2 Análise dos resultados no segundo momento da pesquisa	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	94

INTRODUÇÃO

Minha trajetória como professor se iniciou antes mesmo do meu ingresso no curso de licenciatura, se é que isso pode ser chamada de jornada acadêmica. Comecei ministrando aulas no sofá de minha casa, com minha mãe reclamando pelo fato da sala de estar ficar sempre cheia de meninos e meninas. Isso aconteceu por volta de 1995. Era uma sala multisseriada como se costuma denominar mais recentemente.

No Ensino Médio, apaixonei-me por análise sintática. Tinha uma professora que dava aulas com grande encantamento, era como se a sintaxe fizesse parte da alma da professora. Coincidentemente, esta mesma professora fora minha professora no ensino superior. Dessa forma, fui contagiado pelo trabalho com a disciplina Língua Portuguesa.

Ao longo do tempo, percebi que gostava de ensinar. Penso que muitos dos profissionais que estão trabalhando em sala de aula hoje têm vocação para o magistério. Entretanto, acredito que algumas pessoas adentraram ao magistério por falta de opção. Após ingressar na Licenciatura em Letras, a identificação com o ensino de língua materna tornou-se mais clara, uma vez que, no início de minha carreira como professor, ministrei aulas de Ciências, História, Artes e Religião para o Ensino Fundamental II.

Lembro-me de que minha prática inicial com a disciplina de Língua Portuguesa era pautada exclusivamente no ensino de gramática. Para mim, até então, a gramática constituía o mais importante pilar na prática do trabalho pedagógico com a linguagem em sala de aula. Durante anos, propunha o trabalho com a gramática de forma mecânica, sem nenhuma reflexão ou análise. Nessa situação, não cabia encontrar um culpado por um professor (in)formado por práticas tradicionais da cultura escolar. As análises sintáticas e morfológicas eram o ápice da minha prática em sala de aula. Atividades e provas descontextualizadas, por mim propostas, requeriam dos alunos tão somente a identificação do sujeito e sua classificação, por exemplo.

A partir da leitura do livro “Aula de Português”, de Antunes (2003), começaram as inquietações nas aulas de Língua Portuguesa. Inicialmente, houve um desânimo. Era como se todas as aulas por mim ministradas

estivessem ultrapassadas. Em se tratando de elementos da sintaxe do período simples, o sujeito gramatical começava a não ser tão imprescindível na oração, como diz as gramáticas tradicionais (cf. FERREIRA, 2003; SACONNI, 2008). Vale ressaltar que Ferreira (2003), em suas primeiras edições da gramática “Aprender e Praticar”, classificava o sujeito como “termo essencial da oração”, anos depois ele repensou essa classificação:

Adotando concepções de inúmeros linguistas, optamos por uma definição sintática de sujeito desvinculada, portanto, da tradicional definição semântica: “sujeito é o termo da oração a respeito do qual se afirma/nega alguma coisa”. A concepção que tenho é a seguinte: “Sujeito é o termo da oração com o qual o verbo concorda em pessoa (1ª, 2ª, 3ª) e número (singular e plural). O sujeito comanda a concordância verbal” (FERREIRA, 2015, p. 496).

Mesmo procurando trabalhar a partir da perspectiva da reflexão e uso da língua, ainda assim a inquietação enquanto professor do ensino fundamental continuava. Foi neste momento que iniciei o trabalho com projetos científicos na turma de alunos do oitavo ano. Particpei de feiras científicas na escola, posteriormente em feiras regionais e feiras nacionais. Nesta abordagem, um trabalho com o letramento científico fora desenvolvido como nunca antes na turma citada. Os resultados foram logo percebidos no aprendizado dos alunos. Posso afirmar que a partir deste trabalho empírico em sala de aula, iniciava uma abordagem do letramento científico.

Concordo com a ideia de letramento científico apresentada por Santos (2007), quando o autor considera como sendo algo *científico* aquilo que depende de outros componentes curriculares para ser efetivamente posto em prática. Isso me parece condizente com a noção de interdisciplinaridade da Linguística Aplicada (LA) que adoto nesta dissertação. Este olhar propõe diálogos interessantes com a filosofia, a sociologia e as políticas educacionais, de maneira que possam agregar distintas formas de se fazer pesquisa a partir do diálogo entre os componentes curriculares. Nesta dissertação de mestrado profissional (ProfLetras), compreendo como letramento científico as habilidades de construção de saberes mediados pela escrita, as quais se mostrem otimizadoras de um bom ensino de língua materna, em detrimento da ideia

estranque de ciência como algo exclusivamente das áreas dos estudos da Biologia, da Química, da Física e da Matemática.

É preciso destacar que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998) orientam que o trabalho a ser feito com a disciplina de Língua Portuguesa, em sala de aula, deve ser pautado na *reflexão gramatical*. Por outro lado, o que se vê, na maioria das situações, é um desconhecimento ou distanciamento desta orientação (cf. SILVA, 2011). Apresento razões pelas quais o ensino de gramática ocorre de forma descontextualizada com ênfase na nomenclatura e nos exercícios mecanizados.

Pensando na necessidade de ensinar a produzir textos a partir de uma perspectiva funcional, reflexiva e sustentável, desenvolvi e apliquei o que, só mais recentemente, denomino de Circuito do Letramento Científico (CLC) como intervenção no processo do letramento social dos meus alunos. Além do CLC, fomentei o desenvolvimento de Relatório de Pesquisa (RP) com o intuito de materializar o letramento científico na referida turma. Como o trabalho foi desenvolvido em uma turma relativamente grande, nem todos os grupos foram contemplados da mesma forma. Há de se entender aqui com a expressão “contemplado”, a participação em feiras científicas externas, pois apenas um grupo compartilhou os resultados da pesquisa desenvolvida em eventos e feiras científicas regionais e nacionais.

A pesquisa apresentada nesta dissertação está vinculada ao ProfLetras, criado com a finalidade de desenvolver a qualidade do trabalho realizado por professores de Língua Portuguesa, no ensino fundamental II. O projeto do referido mestrado profissional tem por finalidade desencadear intervenções no processo educacional brasileiro em vigência. Este pressuposto permeia as investigações propostas por Fernandes (2016) e Reis (2016), só para citar algumas, desenvolvidas no decorrer dos mestrados acadêmico e profissional, respectivamente, no âmbito do grupo de pesquisa Práticas de Linguagens – PLES (CNPq/UFT). Esta dissertação também contribui para as investigações científicas desenvolvidas no referido grupo de pesquisa.

Reis (2015), por exemplo, investiga como as atividades pedagógicas mediadas por diferentes gêneros discursivos contribuem para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita de alunos de uma escola de ensino básico

público. A autora também busca entender como o trabalho com tais gêneros discursivos podem possibilitar o desenvolvimento das práticas de letramento científico de maneira sustentável para professores e alunos.

Na tentativa de dar continuidade às pesquisas do ProfLetras desenvolvidas no âmbito do PLES, investigo as dificuldades e consequências de um ensino pautado na metalinguagem em uma turma de oitavo ano da Escola Municipal Tocantins (EMT), localizada na cidade de Imperatriz, Estado do Maranhão (MA).

Utilizei-me da abordagem do letramento científico como estratégia pedagógica para tornar o ensino de linguagem mais significativo, funcional e sustentável (cf. HARGREAVES; FINK, 2007; SILVA, 2016), ao focalizar a construção do próprio letramento do professor (cf. KLEIMAN, 2014; 2008; 2007), responsável pelo desenvolvimento desta pesquisa de mestrado profissional.

Para contribuir e elucidar a concepção de letramento científico, parto da noção de *letramento social* cunhada por Street (2014; 1984), uma vez que o letramento, em qualquer modalidade a que se refere, sempre está ligado às condições sociais de diferentes domínios do cotidiano. Para embasar a especificidade do *letramento científico*, utilizo especialmente os estudos de Demo (2010), Chassot (2010) e Silva (2016). Também foi necessário utilizar a noção teórica de *gêneros discursivos* para responder, de maneira satisfatória, o ensino de língua materna, tendo em vista que os dados foram gerados no contexto sala de aula (oficinas de texto) de uma instituição de ensino básico.

Optei por utilizar a expressão “gêneros discursivos”, em detrimento de “gêneros textuais”, uma vez que minha maior preocupação reside nas análises dos dados em seu nível ideológico-discursivo, o que me permite captar construções discursivas e interdiscursivas referentes à utilização e construção do RP no contexto escolar. Evidentemente, isso não ignora a importância do artefato linguístico dos gêneros, uma vez que são, também, geradores de sentidos a partir de sua materialização.

Perguntas de pesquisa

Abaixo, apresento a problemática central que orientou o desenvolvimento desta investigação. Procuo responder a seguinte pergunta geral no decorrer desta dissertação de mestrado profissional.

- ✓ Em que medida a abordagem do letramento científico pode contribuir para a prática de escrita de alunos do Ensino Fundamental II?

Após a explicitação da problemática central desta pesquisa, elenco abaixo duas perguntas específicas, que são respondidas no capítulo de análise.

- ✓ Quais são as contribuições dos estudos do letramento no ensino fundamental, tomando como base mais diretamente a abordagem do letramento científico a partir de intervenções didático-pedagógicas propostas pelo CLC?
- ✓ Quais são as contribuições do trabalho pedagógico orientado por gêneros discursivos para o desenvolvimento do letramento científico dos alunos do oitavo ano?

As perguntas orientadoras desta pesquisa tentam sintetizar as inquietações que me motivaram à escrita desta dissertação. Na primeira delas, questiono as contribuições que o letramento científico pode trazer aos alunos da escola básica, tendo em vista a escassez de investigações sobre essa temática no âmbito do ensino de língua materna. Já a segunda pergunta versa sobre contribuições dos gêneros discursivos na abordagem do letramento científico, pois os tomo como manifestações da linguagem capazes de estabelecer situações interativas carregadas de ideologias.

Em síntese, reitero que a pesquisa ora apresentada sofreu alterações na escola campo. Deparei-me com diversos tipos de resistência, como a não aprovação por parte de alguns colegas de trabalho que prefeririam trabalhar “sozinhos”, bem como a resistência por parte dos próprios alunos que, a princípio, por não estarem acostumados a um ensino que dialoga com outras

áreas, sentiram dificuldades de entender a articulação entre a abordagem do letramento científico e o ensino de Língua Portuguesa.

Organização dos capítulos

Esta dissertação está organizada em três capítulos, além desta *Introdução*, das *Considerações Finais* e das *Referências*.

No Capítulo I, *Estudos do Letramento como Prática Social*, apresento um panorama teórico a respeito dos estudos do Letramento em suas diversas problematizações e modalidades. Para isso, parto dos pressupostos teóricos de Street (2014; 1984) para compreender a noção geral sobre letramento. A partir disso, tento articular a proposta teórica de Street à noção de Letramento Científico (cf. CHASSOT, 2010; DEMO, 2010; SANTOS, 2007; SILVA, 2016). Penso que essa articulação seja algo possível em LA, tendo em vista que a natureza interdisciplinar, por mim assumida nesta investigação, permite diálogos com diferentes perspectivas de estudos.

No capítulo II, *Metodologia e Contexto Investigativo*, apresento e justifico a escolha do *lócus* de geração dos dados. Minha justificativa está ancorada no fato de ser uma escola onde desenvolvi função docente, bem como pelo fato de ser tida como uma escola frequentada por alunos da periferia de Imperatriz. Ainda neste capítulo, apresento a noção do Paradigma da Complexidade a partir dos estudos de Morin (2011; 2005). Acredito que o paradigma emergente seja condizente com a proposta interdisciplinar da LA, uma vez que nos convida a analisar os dados de pesquisa sob diferentes olhares. Apresento também a abordagem e o tipo de pesquisa que optei de acordo com o decorrer da geração dos dados. Acrescento que tanto o tipo, quanto a abordagem de pesquisa foram escolhidas durante o desenhar da investigação, o que também converge com os pressupostos da teoria da complexidade.

No capítulo III, *Análise dos Dados Gerados*, apresento a análise dos fragmentos de RP produzidos pelos alunos do oitavo ano, após a feira de ciências da escola. Tais dados foram gerados no período de aplicação do CLC, alguns textos sob supervisão da coordenação da escola. A pesquisa está configurada em dois momentos: i) quando eu estava professor da turma ora

referida; e ii) quando fui substituído por outra docente, em razão de meu afastamento para dedicar-me ao mestrado. Tais momentos são pontuados nas análises, uma vez que são pontos basilares para a compreensão e tratamento dos dados.

Espero que esta investigação sirva como contribuição para as práticas pedagógicas dos professores de Língua Portuguesa da escola campo, o que renderia um diálogo essencial entre escola e universidade. Além disso, também desejo que a pesquisa possa dar margem a investigações posteriores, contribuindo, assim, para os estudos do letramento científico.

CAPÍTULO I

ESTUDOS DO LETRAMENTO COMO PRÁTICA SOCIAL

Neste capítulo, apresento um panorama a respeito do conceito de letramento a partir da visão de Street (2014; 1984). Esse mapeamento me permite problematizar um pouco a respeito das pesquisas sobre letramento na contemporaneidade, uma vez que entendo o professor da escola básica como “agente de letramento”, tal como dito por Kleiman (2014; 2008; 2007).

Entendo o termo “agente de letramento” como sintetizador do papel do professor criativo que, a partir de sua intervenção pedagógica, consegue desenvolver habilidades de oralidade e escrita dos alunos. Em outras palavras, as pesquisas de Kleiman (2014; 2008; 2007) me ajudam a visualizar e ouvir vozes de atores sociais que se manifestam e se relacionam mutualmente em diferentes domínios sociais. No caso desta pesquisa, refiro-me à escola, consequentemente.

Optei por considerar também o professor da educação básica como ator social, na tentativa de responder, de maneira mais satisfatória, as demandas de uma contemporaneidade na qual as relações são construídas por associações. Estou me referindo à teoria do “ator-rede”, de Latour (2012). De acordo com o sociólogo francês, há uma espécie de rede que interliga atores, de natureza humana e não humana, de maneira a estabelecer relações tensivas na busca pelo empoderamento. Tomo a teoria de reagregação de Latour (2012) como pertinente a esta pesquisa, entendendo que o professor da educação básica, enquanto ator humano, mantém relações dialógicas com outros atores, de natureza não humana, que interferem na prática pedagógica do docente, como as características físicas da escola campo, por exemplo, apresentadas no próximo capítulo. Essa visão é provocativa, no sentido de que me leva a considerar a sala de aula como espaço interdiscursivo, onde as práticas pedagógicas são reflexos de instâncias sociais maiores.

Neste capítulo, tento discutir sobre as contribuições que os estudos do letramento podem desencadear, de maneira a causar o fortalecimento dos atores sociais envolvidos no contexto desta pesquisa. Portanto, discorro a respeito dos

benefícios teóricos para o ensino, voltado às perspectivas do letramento, a saber o desenvolvimento das habilidades de escrita, oralidade e análise linguística.

Ainda neste capítulo, relaciono as esferas alfabetização, letramento e escolarização, na tentativa de indicar como o ensino escolar, a partir desta articulação, é construído de forma otimizada. O letramento científico aparece como ponto de intersecção entre tais esferas, o que ajuda na desmistificação de que se trata de algo unicamente das ciências biológicas ou exatas. Isso, por sua vez, ajuda-me a indicar de que forma o letramento científico contribui com as habilidades linguísticas dos atores humanos e não humanos nos vários domínios sociais em que estão inseridos.

Ao final deste capítulo, estabeleço alguns pontos de diálogos entre letramento e interdisciplinaridade, considerando, sempre, a visão holística da LA. A noção de interdisciplinaridade é condizente com a proposta do paradigma científico emergente. Por meio de uma ilustração, tento explicar, de maneira satisfatória, como a ideia de interdisciplinaridade pode contribuir para a compreensão das análises desenvolvidas no último capítulo desta dissertação.

Este capítulo está organizado em duas seções: *Letramentos: panorama introdutório* e *Contribuições do letramento científico para práticas escolares*.

1.1 Letramentos: panorama introdutório

Os estudos do letramento têm como objeto de investigação os aspectos e os impactos sociais do uso da escrita em domínios sociais diversos (cf. KLEIMAN, 1995). Por isso, o conceito de letramento é muito amplo, a partir das mudanças sociais constantes e das novas concepções de leitura e escrita. Diante disso, a concepção teórica sobre letramento tem se ressignificado constantemente, na tentativa de conseguir atender a demandas sociais e, inclusive, a demandas dos estudos da linguagem em sua modalidade escrita e oral.

Essa postura, até hoje, tem gerado polêmicas no cenário acadêmico nacional e internacional. Assim como Kleiman (2007), entendo que o letramento seja mais amplo que a alfabetização, pois agrega questões discursivas, ideológicas e de poder dos domínios sociais. A alfabetização, nesse caso, é uma

dessas práticas, sendo esta a mais enfatizada pela escola, principalmente no cenário do Ensino Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental I.

Há décadas, pesquisadores vêm discutindo acerca dos letramentos, tentando compreender a complexidade desse fenômeno. Kleiman (2012) afirma que as linhas de estudos sobre o letramento no Brasil estão em um momento bastante vigoroso, tornando-se uma das vertentes de pesquisa que melhor traduz a união do interesse teórico e a promoção das mudanças em meio à marginalização de grupos sociais. Enquadro aqui o professor da escola básica, quando este é secundarizado pelo sistema neoliberalista, proposto pelo advento capitalista.

No âmbito nacional, há inúmeras pesquisas acadêmicas que mostram a pouca eficiência do trabalho com a língua materna, baseado exclusivamente na gramática normativa. Isso não quer dizer que os mecanismos gramaticais deixem de ser conteúdo em sala de aula, mas com uma tendência voltada para sua funcionalidade no momento da escrita dos gêneros, caracterizando-os e lhes conferindo subsídios para uma função social e interdiscursiva.

Muitos autores partem desse princípio para problematizar a questão do ensino a partir de concepções de letramento, o que seria algo mais eficiente no que se refere ao ensino e à aprendizagem no contexto escolar. Como exemplo, cito as pesquisas de Possenti (1996), Kleiman (1999; 2005) e Silva (2012b), os quais corroboram o pensamento que é incoerente a ênfase dada aos aspectos gramaticais nas aulas de língua materna.

Possenti (1996) questiona o ensino normativo de gramática e acredita que isso seja reflexo de uma cultura de colonização. Entretanto, não se mostra contra o ensino desse conteúdo, desde que possa proporcionar ao aluno condições para que se possa entender o seu entorno, ou seja, o que está fora da escola.

Somada a isso, as pesquisas de Kleiman (1999; 2005) versam sobre a capacidade que o professor tem de sugerir propostas de atividades didáticas que possam render ganhos aos alunos da escola básica, ao mesmo tempo em que fortalece os estudos sobre o professor da referida escola como atores sociais periferizados em comparação a outros grupos de domínios sociais diferenciados.

Além disso, a validação da pesquisa de Silva (2012b) está na contribuição do enfrentamento dos desafios da escola, tal como preparar o aluno para enfrentar o mundo contemporâneo. Para efetivar esta intervenção pedagógica, são mobilizadas contribuições teóricas como as da Linguística Aplicada.

Nesse sentido, parte-se da premissa de que toda atividade humana, atividade científica e docente, não tem uma função puramente descritiva ou constativa. Na verdade, a atividade social é decorrente das construções humanas e não humanas que implicam respostas a problemas compartilhados por um grupo em um momento histórico definido, vistos sob um ângulo também compartilhado que visa atingir a metas bem definidas. Tudo isso acaba por determinar uma forma de agir sobre o mundo, e obviamente sobre as pessoas.

Para Kleiman (2007), a dicotomia entre as palavras alfabetização em letramento, desde quando o conceito surgiu no Brasil, na década de 80, foi a grande responsável pelo pensamento equivocado de que letramento se adquire somente nos primeiros anos do Ensino Fundamental, quando se está no processo de aquisição dos fundamentos da língua escrita. Assim, enquanto os professores alfabetizadores se preocupam em tornar os alunos letrados, os professores de língua materna ocupam-se em ensinar gramática e nomenclatura de gêneros textuais (cf. SILVA; LIMA; MOREIRA, 2016). Por outro lado, o processo de letramento ocorre em todo momento, ao longo da educação básica, não importando se o aluno está no primeiro, no quinto ou no nono ano do Ensino Fundamental, bem como nas séries do Ensino Médio.

É na escola, agência de letramento por excelência, que devem ser criados espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas e, portanto, deve haver a pertinência de assumir o letramento, ou melhor, os múltiplos letramentos da vida social. Os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem.

Confrontado com novas necessidades de uso da escrita devido a uma promoção ou a uma mudança de emprego que lhe exija escrever textos até então não elaborados por ele, o empregado pergunta a colegas se há modelos desses textos nos arquivos, analisa os textos disponíveis e, assim, forma algumas representações sobre o que estaria envolvido

naquela produção. Com base nesse material, tenta uma primeira versão do texto que deve produzir, mostra o resultado a colegas, escuta seus comentários e faz outra versão se necessário for. No processo, esse profissional está formando uma representação do gênero desconhecido, a qual é social mas também individual e única. São os gêneros as matrizes sócio-cognitivas e culturais que permitem participar de atividades letradas das quais nunca antes se participou (MATENCIO, 2003, p. 35).

Considero, ainda, por exemplo, a maneira como as comunidades linguísticas se desenvolvem por meio de redes de intercâmbio e interdependência, nas quais o letramento exerce função precípua: um mecânico analfabeto pode trocar suas habilidades em manutenção de carros pela capacidade de um vizinho de preencher um formulário; um homem de negócios pode gravar em fita uma carta para que um amigo a escreva, assim como os monarcas medievais usavam escribas. A escola precisa, de fato, tornar-se uma *agência de letramento* mais produtiva no termo utilizado por Kleiman (2007), não uma mera reprodução mecânica, sem reflexão, ou um simples depositário de alunos que entram e saem sem alteração significativa.

Partindo desse princípio, Street (2014) entende o letramento como prática social, não porque está em sociedade, mas pelo simples fato do social ser construído a partir dele. Conseqüentemente, isso requer o conhecimento da linguagem em suas múltiplas modalidades, que se alteram conforme o tempo e o espaço. Tais alterações são conseqüências de um contexto social contemporâneo, no qual as práticas de interação se desenvolvem de maneira plural e efêmera.

Ao tentar responder de maneira satisfatória a tais demandas, as condições sociais em que as habilidades de letramento estão emersas são afetadas por discursos pré-concebidos, que são ressignificados em razão das especificidades da comunidade em que se opera. Esse pressuposto é bastante problematizado nos estudos enunciativos da linguagem, quando afirmam que as forças sociais são canalizadas para as gerações e ressignificação de discursos.

Retomando aos estudos de Street (1984), o autor apresenta dois modelos de letramento: o *autônomo* e o *ideológico*. O primeiro deles pressupõe que há apenas uma maneira de letramento a ser desenvolvido. Em outras palavras, o letramento autônomo não compartilha de uma visão social sistematizada, onde a cultura e a ideologia do contexto em que opera possam

exercer influência na construção do conhecimento. Diante disso, esse modelo concebe a escrita como um produto completo em si mesmo, que não estaria preso ao contexto de sua produção para ser interpretado.

Já o modelo ideológico agrega questões de cunho social, de maneira a considerar as ideologias, a cultura e outros fatores extralinguísticos que articulam sociedade e empoderamento (cf. STREET, 1984). A linguagem, nesse sentido, é vista como disputa de poder mediada por tensões.

A partir das modelos de letramento propostos por Street (1984), diretamente influenciado pelos estudos filosóficos bakhtinianos, opto pelo modelo de letramento ideológico tendo em vista sua preocupação com fatores sociais que não se esgotam na escrita. Fatores estes que fogem aos muros da escola e encontram em outras esferas sociais uma maneira de socialização e interação por intermédio da escrita, leitura e interpretação da linguagem.

No âmbito desta dissertação, o letramento ideológico é construído concomitantemente à minha atuação como professor da turma, no primeiro momento da pesquisa, bem como com a atuação da outra professora que assumiu a turma, no segundo momento. Percebo a sala de aula como contexto de busca pelo poder, postura bastante oriunda nesses contextos sociais. A ideia marxista da hierarquia entre professor e aluno, necessária nesta relação, está impregnada no discurso escolar. Tomo essa afirmação como verdadeira pelas minhas experiências de professor, bem como pelas conversas na sala dos professores durante o intervalo das aulas.

No Brasil, há relevantes pesquisas que falam sobre letramento ideológico, de alguma maneira, como uma possibilidade de reflexão sobre o uso da língua, ao percebê-la como instrumento de interação. Cito os trabalhos de Kleiman (2014; 2007) e Silva (2012b), só para citar alguns.

Kleiman (2014), em seu trabalho, problematiza a articulação entre letramento e contemporaneidade. Para a autora, a modernidade exige das pessoas letramentos que fogem à realidade de tempos atrás. Nesse sentido, considero pertinentes as discussões que a autora trava acerca da prática de lidar com língua em consonância com as especificidades do mundo atual.

Nessa mesma linha, Kleiman (2007) discorre sobre os projetos de letramento que as escolas podem desenvolver para que as experiências não

escolares sejam consideradas nas práticas pedagógicas. Nesse sentido, a autora propõe um diálogo maior entre a escola e outros domínios sociais, para que o aluno perceba a funcionalidade da escola em seu contexto real de vida.

Silva (2012b), ao investigar o trabalho com gêneros textuais numa turma do Ensino Fundamental, em escola pública paulista, pondera que o contexto de sala de aula é resultado da ação entre atores humanos e não humanos, que se relacionam pela disputa de forças que não se esgotam apenas nos muros da escola. Nesse sentido, o autor faz uma intervenção em uma escola vista como problemática na periferia de Campinas, São Paulo. Tal intervenção foi construída a partir dos desafios que o autor detectou durante o processo da investigação, o que o levou a propor um ensino a partir de gêneros presentes no cotidiano do aluno. A intenção era, justamente, que o aluno da escola básica se sentisse capaz de desempenhar ações relevantes para o contexto em que vivia.

A proposta de Silva (2012b), então, é caracterizada por uma pesquisa-ação, pois a intervenção foi focada nas diretrizes curriculares brasileiras, mais precisamente para o ensino de Língua Portuguesa, orientado por gêneros como objetos de ensino, capazes de desenvolver as potencialidades de letramento do aluno da escola básica. Tomo a pesquisa do autor como uma investigação diferenciada pelo fato de focalizar uma turma de alunos em recuperação/aceleração da aprendizagem. Foram analisados exercícios de leitura, produção textual e análise linguística por meio de diversos gêneros textuais.

Desse modo, entendo que as práticas de letramento no contexto escolar são estabelecidas nos entremeios das ações desenvolvidas por atores humanos e não humanas e das relações de força e poder que caracterizam este domínio social. Nesse sentido, o empoderamento conferido aos participantes da pesquisa são legitimados por vozes dominantes, que acabam estabelecendo uma relação de causa e consequência. Entender quem legitima dentro de uma situação interativa é algo que depende do olhar do pesquisador, bem como da posição interdiscursiva ocupada pelo ator social. Logo, o empoderamento, por meio da legitimação, só é possível a partir da posição em que o participante ocupa.

O termo *empoderamento* nesta dissertação está associado à ideia de conferimento de poder aos participantes da pesquisa que, conforme diz

abordagem interdisciplinar da LA, podem ser vistos como minorias ou grupos socialmente desvalorizados, a contar pelo fato de serem membros de uma escola periférica de Imperatriz. Nesse sentido, o fato de conferir poder a estes participantes de pesquisa está diretamente associado ao fato de considerar vozes de atores sociais até então nunca ouvidas, tentando extrair disso os diversos tipos de saberes que coexistem e contribuem para a construção da cientificidade a que se propõe a feira de ciências.

No contexto desta pesquisa, tomo como legitimação não apenas um ator social específico, mas sim vários deles. Tento conferir poder ao aluno da escola básica, na medida em que ele desenvolve suas habilidades de letramento a partir de seu desempenho na escrita, oralidade e análise linguística. Com isso, o aluno passa a se ver como ator social ativo e engajado socialmente, estabelecendo, conseqüentemente, relação entre o que é visto na escola com seu contexto concreto de vida. Essa articulação tem na feira de ciências da escola campo sua principal culminância.

Tomo o termo *legitimação* como um recurso estilístico-semântico capaz de atribuir credibilidade ao discurso que é proferido em uma situação interativa. O ato de legitimar está diretamente associado ao poder da escrita e da ideologia que perpassa essa modalidade da língua (cf. GNERRE, 1991).

Nesse sentido, o ensino de língua materna no ensino fundamental é relevante para o desempenho das habilidades de letramento, tendo em vista que é o período de escolaridade que serve como uma espécie de base para os níveis subsequentes. Concordo com Citelli (2003), quando a autora afirma que o ato de se ensinar leitura e produção textual no ensino fundamental é, sobretudo, uma atividade difícil, tendo em vista as dificuldades que são encontradas, como o espaço físico da escola deteriorado, bem como políticas públicas que dificultam o trabalho do docente desta etapa de escolaridade.

Ainda para a autora, o ensino de língua materna está um pouco distante das demandas mais atuais da sociedade contemporâneas, sobretudo no ensino fundamental I, onde muitos docentes ainda trabalham apenas na perspectiva da alfabetização, sem nenhuma articulação com práticas mais amplas e efetivas de letramento, semiotizadas pela pluralidade dos gêneros discursivos. Além disso, quando se trabalham com tais gêneros, a tendência é escolarizá-los, limitando

seu alcance social, resultando, apenas, como uma atividade avaliativa, sem funcionalidade social.

Portanto, o ensino de Língua Portuguesa, que tem a metalinguagem e as nomenclaturas como foco principal, não atende às necessidades dos alunos. Logo, a leitura, produção de gêneros discursivos e análise linguística são os pilares ancorados no letramento para aulas de Língua Portuguesa mais significativas e produtivas.

Diante disso, com a intenção de enfatizar o caráter ideológico sobre o uso da língua escrita, Street (1984) distingue as práticas de letramento da prática de alfabetização, tida como única e geral por muitos professores ainda hoje. Para o especialista, a distinção entre letramento e alfabetização é necessária. Entretanto, isso não quer dizer que tenhamos que vê-la de maneira dissociada.

Concordo com Street (1984), pois letramento, alfabetização e escolarização são procedimentos diferentes. Entretanto, além de serem indissociáveis, são também complementares. Na Figura 1, tento ilustrar como essa relação é estabelecida, de maneira a fortalecer os estudos sobre letramento no Brasil.

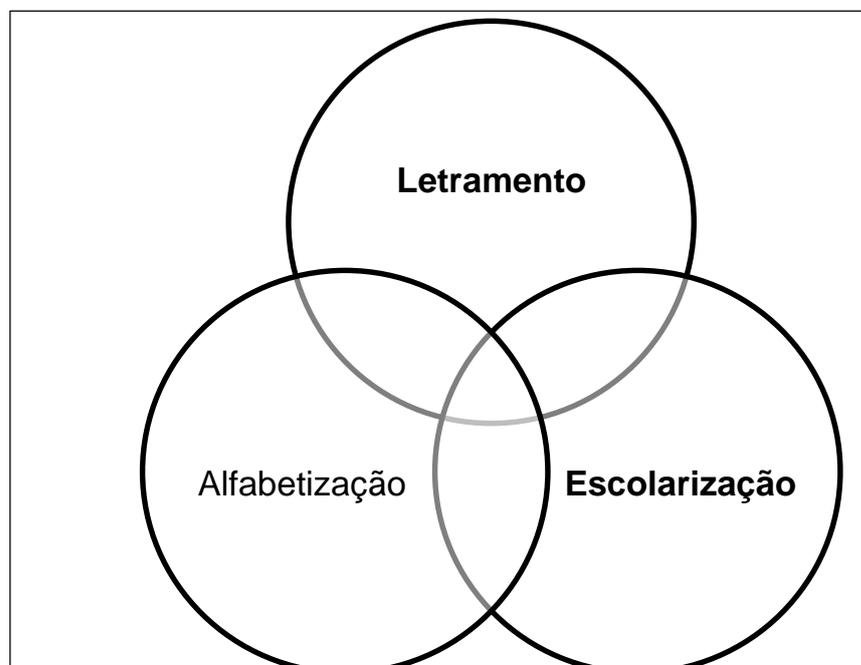


Figura 01: Relação entre Letramento, Alfabetização e Escolarização
Fonte: Autoria Própria

A Figura 1 é constituída por três esferas que se entrelaçam e mantêm entre si uma relação inseparável. Como é possível perceber, os círculos são conectados por meio de zonas fronteiriças, o que sugere o diálogo entre as práticas representadas.

A figura ilustra a articulação que acredito ser possível entre letramento, alfabetização e escolarização, tendo em vista que todas elas, em especial a primeira, lidam diretamente com questões históricas, sociais e culturais do ator social.

Há muitas pesquisas que problematizam letramento, alfabetização e escolarização. Há ainda um expressivo número de professores das séries iniciais que põem em oposição os elementos elencados na Figura 1. Para melhores esclarecimentos, passo agora a comentar cada prática representada de forma articulada.

Kleiman e Santos (2014) partem dos estudos aplicados da linguagem para problematizar o percurso metodológico de pesquisas que adotam os estudos do letramento como vertente maior. Nesse sentido, os autores pontuam que não é possível supor neutralidade no tratamento de dados gerados em uma pesquisa sobre letramentos. Isso se dá pelo fato dos atores de pesquisa trocarem sentidos, disseminando discursos já existentes que, querendo ou não, influenciam o olhar sobre o *corpus*. Ainda de acordo com os autores, as pesquisas sobre letramento devem considerar aspectos enunciativos, discursivos com enfoque analítico, no sentido de que a escrita, bem como sua interpretação, contribui para a manutenção das relações de poder.

Já Silva (2012a) problematiza a questão do letramento no contexto dos cursos de formação de professores, mais precisamente no que se refere ao desempenho da escrita em relatórios de estágio supervisionado. O autor afirma que o letramento, em quaisquer domínios sociais, deve favorecer o desenvolvimento de habilidades de uso da escrita, contribuindo para a formação cidadã.

Barton e Hamilton (2012), por sua vez, apresentam uma pesquisa de base etnográfica, onde concebem o letramento como prática social que perpassa todas as ações humanas, desde as mais cotidianas até as mais formais. Para os autores, a prática de letramento está imbuída em todas as práticas do ser

humano, daí suas articulações possíveis com outras manifestações sociais, como a alfabetização e a escolarização, mostradas na Figura 1.

Já Signorini (2012; 1995) propõe uma visão de letramento como prática social em dois sentidos: i) pois está ligada à várias instâncias sociais e, com isso, a universidade deve tentar acompanhar o desenvolvimento da sociedade, propondo a análise de letramento hipermediáticos, uma vez que as mídias eletrônicas, muito visíveis e utilizadas atualmente, podem contribuir para um uso mais consciente da língua materna; e ii) o letramento possibilita práticas discursivas que ajudam a construir a interação entre diferentes atores sociais. Esse pressuposto, em especial, me ajuda a visualizar minha atuação como professor da escola básica, provocando-me a repensar meus critérios avaliativos ao exercer a função de docente.

Por outro lado, o trabalho de Terzi (2007) versa sobre o letramento como prática discursiva que pode incluir, ou não, o ator social às outras comunidades linguísticas que não seja propriamente a que ele pertence. Para isso, é importante salientar que essa inclusão, na visão da autora, é condicionada pela prática de escrita como ferramenta de semiotização de práticas sociais locais.

A pesquisa de Magalhães (1995) complementa meu argumento acima, tendo em vista que, para a autora, analisar o letramento como prática social é, conseqüentemente, é contribuir para a compreensão das construções de identidades de diferentes atores sociais. Tal construção identitária é mediada pela escrita que, uma vez interpretada, semiotizam discursos e causam diferentes efeitos de sentido, a considerar o contexto em que esta escrita é produzida e vinculada.

Ainda conforme a Figura 1, é possível estabelecer um diálogo entre letramento e alfabetização, sendo esta última, muitas vezes, reduzida à decodificação de organizações gráficas. Entretanto, o que aqui proponho não é uma visão estanque da alfabetização, mas sim percebê-la como uma das possibilidades de desenvolver as habilidades de letramento.

Dentre os trabalhos que articulam letramento e alfabetização, em uma perspectiva social que pode fortalecer os estudos que versam sobre esta temática, cito as pesquisas de Soares (2011), Cagliari (1998), Nascimento (1998), só para citar alguns.

Soares (2011), a meu ver, é quem melhor articula alfabetização e letramento. Para a autora, o conceito de analfabetismo não procede a partir do momento em que o ator social demonstra ter conhecimentos empíricos. Logo, para a autora, a alfabetização é uma das possibilidades de desenvolver as práticas de letramento em diversos domínios sociais, sendo a escola o principal deles. Pelo fato de vivermos em uma sociedade grafocêntrica, o conhecimento da escrita é socialmente valorizado. No entanto, há de analisar se esta escrita está sendo, de fato, discursivamente entendida ou se esta modalidade linguística é apenas decodificada. Esta última possibilidade é a mais problematizada pelos estudos contemporâneos que falam sobre alfabetização como um desdobramento do letramento.

Já Cagliari (1998) acrescenta que a alfabetização precisa deixar de lado o estereótipo da simples decodificação que foi, segundo o autor, herança da época da colonização. Por outro lado, o autor se mostra otimista e procura considerar o esforço que o professor da escola básica faz, mesmo sem saber como procede de fato. Nesse sentido, o letramento é visto como uma espécie de instância maior, em relação à alfabetização, que parte dessa como elemento propulsor para o entendimento de ações interdiscursivas entre enunciadorees no contexto escolar.

No trabalho de Nascimento (1998), o autor considera a alfabetização como algo processual que envolve questões extralinguísticas. Nesse sentido, entender a alfabetização como processo é reconhecer a escola como instituição ideológica movediça, bem como uma prática que, além de ser social, é também escolar. Tomo os pressupostos de Nascimento (1998) como incentivadores para a compreensão entre alfabetização e letramento. Ao considerar a alfabetização como algo processual, o autor, de alguma maneira, reitera aspectos de interpretação e leitura que estão ligados à percepção de mundo que o aluno leva consigo quando vai para a escola.

Kato (1995) converge com alguns pontos elencados por Nascimento (1998). Entretanto, para a autora, o ato de alfabetizar agrega valores também psicolinguísticos. Nesse sentido, a pesquisadora acredita que o ato de escrever está diretamente relacionada à visão de mundo do aluno da escola básica, o qual relaciona os sinais gráficos com outras articulações imagético-sinestésicas.

Tomo a postura de Kato (1995) como verdadeira, uma vez que acredito que a chamada memória afetiva exerce caráter basilar no que se refere não apenas à decodificação das palavras, mas principalmente pelas condições de atribuição de sentido que o aluno, enquanto leitor, pode inferir.

Atrelada à ideia de alfabetização e letramento, a Figura 1 também propõe a escolarização como prática que pode otimizar as habilidades de leitura e escrita e, com isso, minimizar as problemáticas do ensino de língua de maneira satisfatória. Não estou aqui defendendo o conceito mais comum sobre escolarização, aquele que amputa os sentidos do texto. Concebo-o como oportunidade de desenvolvimento das práticas de letramento, desde que proporcione uma visão mais funcional a respeito dos gêneros discursivos na escola. Dentre as pesquisas que versam sobre essa problemática, cito as de Solé (1998) e Marcuschi (2007).

Em sua obra, Solé (1998) apresenta a ideia de escolarização dissolvida a partir de estratégias de leitura que o professor da escola básica pode adotar, de maneira que o aluno possa perceber a funcionalidade dos gêneros trabalhados na escola. Tais concepções de leitura, conforme a autora, parte da perspectiva de uma escolarização consciente que possa contribuir para o desenvolvimento da leitura, em detrimento de um ensino metalinguístico, que encontra na gramática normativa seu principal e único alicerce.

Já Marcuschi (2007) trata a escolarização como uma forma de ensinar os gêneros do ponto de vista linguístico e discursivo. Com isso, o autor acredita que é necessário levar os textos que circulam na sociedade para dentro da sala de aula, desde que o professor consiga levar o aluno a perceber a funcionalidade desses gêneros, bem como as marcas linguísticas que os caracterizam.

Por outro lado, de acordo com minha experiência de professor do ensino fundamental, acredito que os textos de divulgação científica não são efetivamente abordados no contexto escolar. Com isso, o processo de escolarização fica com uma lacuna a ser preenchida. Cabe à escola tanto a absorção das habilidades básicas da leitura e escrita, ou seja, alfabetização, quanto o avanço para além dessa habilidade básica, envolvendo conhecimentos e atitudes próprias ao efetivo uso e competência da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua, ou seja, letramento.

Em síntese, letramento é o desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos, atitudes) de uso efetivo do conhecimento em práticas sociais que envolvem a língua escrita, o exercício efetivo e competente da escrita que implica várias habilidades. Dentre tais habilidades, destaco a importância da prática de reescrita textual, uma vez que foi a partir dela que os RP foram aperfeiçoados linguisticamente, nos quais o letramento científico torna-se mais explícito. Ilustramos esse pressuposto no último capítulo desta dissertação.

Na próxima seção, apresento o conceito de letramento científico, bem como a incidência do letramento científico em outras áreas de estudos, articulando-o ao ensino de Língua Portuguesa.

1.2 Contribuições do letramento científico para práticas escolares

A importância desta pesquisa está, exatamente, na descrição e na análise de RP produzidos por alunos da educação básica de uma determinada escola no interior do Maranhão. Meu enfoque é analisar como a abordagem do letramento científico pode contribuir para um ensino produtivo de Língua Portuguesa. Esses eventos podem revelar importantes suportes para o trabalho com a linguagem em sala de aula, tendo como base o letramento social (STREET, 2005) e a alfabetização científica (DEMO, 2013).

Entendo o letramento científico como algo diferente de alfabetização científica. Pelo primeiro, entendo que seja a aprendizagem dos conteúdos e da linguagem científica. Pelo segundo termo, o compreendo como uma propriedade social e ideológica referente ao uso, num contexto específico, do conhecimento científico e tecnológico no cotidiano do indivíduo.

Não são comuns investigações a respeito do letramento científico, na área de ensino de línguas, por outro lado, nas ciências exatas, químicas e biológicas é comum tal enfoque a respeito do letramento científico, há muitas pesquisas com trabalhos interessantes e grande contribuição. Assim, temos que recorrer às outras ciências para referendar e aprimorar as pesquisas na área de humanidade.

De qualquer forma, o processo de formação dos professores precisa passar pelo Letramento Científico, uma vez que o pensar científico na educação básica não é uma prática em boa parte das escolas públicas de ensino fundamental. Podemos perceber que, no cerne das discussões levantadas pelos pesquisadores que usam um termo ou outro, estão as mesmas preocupações com o ensino de Ciências, ou seja, motivos que guiam o planejamento deste ensino para a construção de benefícios práticos para as pessoas, a sociedade e o meio ambiente.

Os pesquisadores brasileiros que preferem a expressão *letramento científico* justificam a escolha apoiando-se no significado do termo defendido por pesquisadoras da Linguística Aplicada e da Educação, Angela Kleiman e Magda Soares, respectivamente. Assim, Soares (1998, p. 18) define o letramento como sendo: “resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: estado ou

condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. A primeira autora mencionada, por sua vez, compreende o letramento numa perspectiva mais crítica e processual das práticas sociais de escrita (KLEIMAN, 1995).

De que forma o letramento científico vem sendo compreendido na Linguística Aplicada? Em texto itinerante no campo aplicado dos estudos da linguagem, Silva (2016, p. 6) afirma compreender, “letramento científico como práticas investigativas informadas pela escrita em função da produção de conhecimentos necessários ao desenvolvimento humano na complexidade que lhe é constitutiva em diferentes domínios sociais”. Essa é a concepção assumida nesta dissertação de mestrado profissional.

Para Demo (2013), ainda se mantém uma visão ultrapassada do conhecimento como estoque, por esta razão há um combate ao instrucionismo fortemente presente na educação brasileira nos diversos níveis de ensino. Mostra ainda que as instituições de ensino, com pouquíssimas exceções, não são de pesquisa, no entanto de ensino. Propõe educação pela pesquisa, já que a educação científica é fundamental na formação básica do aluno.

Destarte, é imprescindível que o aluno aprenda a planejar e executar pesquisa, argumentar, debater, contra argumentar, refletir, fundamentar, revisar, retextualizar, criticar, duvidar, opinar, parafrasear, produzir textos próprios formalmente corretos, isso promove a autonomia intelectual dos estudantes. Enquanto em muitos setores da educação no Brasil, o bom professor é aquele que ministra uma boa aula, em outros países o bom professor é reconhecido pela qualidade da autoria daquilo que produz.

Segundo Demo (2013), faz-se necessária a aproximação da educação, em seu aspecto formativo, da alfabetização científica, resultando na iniciação à pesquisa científica. Nesse contexto, saber pensar e refletir é a habilidade das habilidades. Sendo assim, é preciso introduzir os estudantes no mundo das práticas e do conhecimento científico.

Demo (2013) traz ainda a temática de princípios científicos e educativos que envolve a pesquisa. Como princípio educativo, pesquisa inclui o aspecto formativo, pois, ao se produzir conhecimento, concomitantemente, educa-se. Não se pode separar educação e pesquisa, ambas estão imbricadas, ainda que

o modelo instrucional predomine em várias instituições. Demo (2013) reflete a temática do conhecimento científico expondo sua face discutível, apresenta dados estatísticos que mostram o atraso da educação brasileira referindo-se à qualidade dos professores e da aprendizagem dos alunos. O autor alerta que precisamos crescer na área da alfabetização científica, a esfera social avança rumo às questões tecnológicas, é preciso que o ensino acompanhe essa evolução científica. Não se pode permitir que os alunos do ensino fundamental continuem reproduzindo conhecimento, sem nenhuma reflexão e análise.

Em seus apontamentos, Demo (2013) identifica como questão estrutural a formação docente e discente, isto indica a necessidade de reestruturar a formação docente nos cursos de Licenciaturas e Pedagogia que nas últimas décadas têm atraído poucos egressos do Ensino Médio. O alerta continua em relação aos professores desses cursos que, na maioria dos casos, ministram aulas sem nenhuma produção própria, por conseguinte, dificilmente formarão professores autores. Ao se esforçar para produzir conhecimento, o estudante se apodera do questionamento e da argumentação que, de alguma forma, envolve dimensões políticas.

O fato é que argumentar é concebível de forma aberta e discutível. Como diz Demo (2010, p. 100), “argumenta-se não para liquidar a questão, mas para mantê-la aberta”. São apresentadas as possibilidades para a efetivação da parceria entre educação e alfabetização científica no sistema público de ensino brasileiro.

Ainda conforme Demo (2010, p. 115), as Licenciaturas e a Pedagogia “são cursos decadentes e muito pouco científicos”. A relação pedagógica precisa ser modificada, assim como o ambiente de aprendizagem deve gerar outros movimentos baseados na pesquisa e elaboração. A instrumentação metodológica torna-se o meio para o ato de gerar conhecimento formalizado com pesquisas qualitativas e quantitativas. Por fim, Demo (2013) sinaliza que a mudança mais urgente e significativa é dos professores, que necessitam se tornar pesquisadores e educadores profissionais.

Outro ponto importante para pesquisa apresentada nesta dissertação são os princípios de sustentabilidade propostos por Hargreaves e Fink (2007): *profundidade; durabilidade; amplitude; justiça; diversidade; engenhosidade; e*

conservação. A sustentabilidade precisa estar em ação, uma vez que é necessária para todos os segmentos, para toda a sociedade. Ações para auxiliar aos menos favorecidos precisam ser sustentáveis. Em todos os setores, seja no meio ambiente, na economia, educação ou administração a sustentabilidade é base, ou seja, o princípio. O aspecto sustentável ocorre nas atitudes e abordagens ao meio ambiente e na redução do impacto negativo sobre o mesmo. A sustentabilidade não é modismo, não é temporário, serve de base para os trabalhos em geral (HARGREAVES; FINK, 2007).

Os princípios da sustentabilidade nortearam a proposta de sete Princípios do Letramento Científico (PLC), elaborada por mim. Entendo os princípios para o letramento científico como essenciais para um ensino mais produtivo de ciências da linguagem. É importante lembrar que a utilização deste termo traz potencialidades à discussão dos objetivos e das práticas de ensino de ciências da linguagem em sala de aula.

Nesse sentido, considero a curiosidade e a investigação como princípios básicos para qualquer atividade de pesquisa. Em se tratando de alunos de 8º ano, a curiosidade constitutiva dos aprendizes precisa ser aproveitada, o desejo de saber algo novo, a vontade de conhecer e, conseqüentemente, investigar. O interesse pelo conhecimento ou investigação de determinado assunto é um ponto de partida.

Adiante, apresento a Figura 02 com os sete PLC.



Figura 02: Princípios do Letramento Científico
Fonte: Adaptado de Hargreaves e Fink (2007)

A *curiosidade* é o início de todo o conhecimento, que se substancializa pela ação do perguntar. Todo ser humano traz consigo esta disposição investigativa que sofre, contudo, perturbações de percurso, ora por admoestações do meio familiar em que vive o indivíduo, ora pela intervenção educativa formal que substitui a pergunta por respostas prontas, tratando todos como iguais. A pesquisa possibilita conhecer a novidade e contribui para que a curiosidade possa ser aguçada.

A *relevância social* é um princípio do letramento científico, assim como nas ciências de forma geral. Há conteúdos de pouca ou nenhuma relevância. Ocorre-me ainda lembrar da relevância da *criatividade* e inovação, fazer algo de forma diferente. Pensar e refletir de forma diferente da habitual já é um exercício

de criatividade. Importante para o desenvolvimento humano, a criatividade tem contribuído com rupturas e mudanças nas diversas áreas do conhecimento humano. Certamente, a criatividade, normalmente, está imbricada à independência do pensamento humano, à curiosidade, à persistência, à ousadia e ao inconformismo.

A pesquisa diz respeito a todo trabalho original de investigação teórica ou experimental para a aquisição de novos conhecimentos, visando ou não a qualquer aplicação específica (FRASCATI, 2002). Levando em conta o fato de que a Ciência requer um conhecimento sistematizado, faz-se necessário o princípio de algum *rigor científico*.

O rigor científico compreende a integridade da pesquisa que deve ser um valor absoluto tanto para os pesquisadores individuais como para as instituições envolvidas com essas atividades. São princípios gerais: (i) Honestidade na apresentação, execução e descrição de métodos e procedimentos da pesquisa e na interpretação dos resultados. (ii) Confiabilidade na execução da pesquisa e na comunicação de suas conclusões. (iii) Objetividade na coleta e no tratamento de dados e informações, na apresentação de provas e evidências e na interpretação de resultados. (iv) Imparcialidade na execução da pesquisa, na comunicação e no julgamento das contribuições de outros. (v) Cuidado na coleta, armazenamento e tratamento de dados e informações. (vi) Respeito por participantes e objetos do trabalho de pesquisa, sejam seres humanos, animais, o meio ambiente ou objetos culturais. (vii) Veracidade na atribuição dos créditos a trabalhos de outros. (viii) Responsabilidade na formação e na supervisão do trabalho de jovens cientistas (ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS, 2013, p. 9).

Por fim, a aplicabilidade, segundo dicionário *On line de Português* significa “qualidade do que ocasiona um efeito; característica do que se consegue aplicar, empregar, colocar em prática: aplicabilidade da lei. Característica ou particularidade do que é aplicável: aplicabilidade das normas” (DICIONÁRIO *ON LINE*). Se a demanda de uma pesquisa sustentável não aplicável, é necessário rever a sua continuidade.

Esta pesquisa segue os critérios propostos pela Teoria da Complexidade (TC). Considero-a importante por corroborar a postura interdisciplinar que assumo nesta dissertação. Durante o processo de pesquisa, surgem algumas divergências. A TC, portanto, surge como resposta a tais divergências, propondo novas possibilidades de se fazer ciência, ao considerar que o mesmo objeto de

análise pode ser visto sob diferentes enfoques ao considerar o movimento fluido das ações praticadas.

A concepção de complexidade que considero nesta dissertação é pertinente com os estudos de Morin (2003), ao entender o objeto de pesquisa como um emaranhado de sistemas, constituída de várias vertentes, responsáveis por causar uma espécie de caos nas investigações científicas.

Ao articular os princípios para o letramento científico à ideia de percurso teórico-metodológico que descrevi, entendo que princípios, dentro da liquidez, é uma possibilidade de proporcionar uma investigação mais concreta. Ou seja, proponho que a noção de princípios, redimensionada para as práticas de letramento, pode render ganhos mais palpáveis para os alunos, tendo a escrita científica como ponto de partida.

Em síntese, a noção de princípios desta dissertação traz subsídios que podem fortalecer os estudos do letramento e do letramento científico, a partir dos norteamentos dados por Rojo (2008; 2006), Silva (2016; 2012) e Kleiman (2007).

A Figura 03, Circuito do Letramento Científico (CLC), retrata em esferas as atividades pedagógicas imbricadas com os PLC.



A Figura 3 ilustra a relação entre diferentes gêneros discursivos que podem proporcionar otimização nas habilidades de letramento científico na escola. Tal figura ilustra meu posicionamento como pesquisador e professor da escola básica no momento em que desenvolvi a primeira parte da investigação na EMT.

Numa postura interdisciplinar, assumo o tratamento didático da Língua Portuguesa em sala de aula conforme proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), envolvendo os eixos do uso e da reflexão: USO>REFLEXÃO>USO. Para tanto, é preciso esclarecer os benefícios do letramento científico no tocante à oralidade, escrita e análise linguística.

Em relação à oralidade, é possível ter um melhor desempenho do educando em meio ao uso oral da língua, em situações planejadas de sala de aula e em situações gerais do cotidiano. No tocante à escrita, as possibilidades de manuseio dos textos acadêmicos e posterior escrita científica estão atreladas ao conhecimento dos gêneros e sua adequação aos diversos contextos sociais.

Concordo com Silva (2004), ao considerar que os PCN são documentos que incentivam a realização da prática da escrita a partir de diferentes gêneros discursivos. Nesse sentido, considero que o termo letramento científico propõe o vínculo entre ciência, leitura e escrita na medida em que as práticas sociais são vistas como comportamentos linguísticos e não linguísticos semiotizadores de contextos específicos.

Os PCN são incisivos ao afirmarem que a prática análise linguística não é uma nova denominação para o ensino de gramática. A prática de análise linguística inspirada nos pilares da gramática descritiva funcional é marcada pela abordagem das marcas linguísticas características dos diferentes gêneros de texto. Por outro lado, entendo que a prática de análise linguística pode ser desenvolvida também por meio do aporte do letramento científico.

Em noção ampliada, Silva (2004) assinala que as atividades de análise linguística se caracterizam por abordar a gramática em textos de vários gêneros discursivos. A expressão *análise linguística*, nos PCN, desdobram-se em atividades metalinguísticas e epilinguísticas. Estas últimas, por sua vez, adquirem novos sentidos a partir das variações de recursos utilizados pelo professor da escola básica, durante a aula de Língua Portuguesa.

A partir da abordagem gramatical descritiva baseada na funcionalidade em textos de diferentes gêneros, a prática de análise linguística dos PCN propõe-se a expandir a “*capacidade de monitoração das possibilidades de uso da linguagem, ampliando a capacidade de análise crítica do aluno*”.

As orientações dos PCN mostram uma tentativa de alteração das atividades escolares com objetivo de aproximá-las das práticas efetivas de uso da escrita no meio social, assim como propõe Kleiman (1997; 1995) em estudos realizados no Brasil.

Defendo um ensino produtivo que possibilite a reflexão sobre os usos de elementos linguísticos em textos escritos constitutivos de práticas sociais que envolvam a escrita, a exemplo das necessárias à participação no domínio científico. A abordagem do letramento científico, ancorada nos princípios elencados nesta dissertação, podem mobilizar atores sociais do ambiente escolar para um ensino mais produtivo.

Após apresentação desta fundamentação teórica, exponho, no próximo capítulo, a trajetória metodológica da investigação científica que resultou na produção desta dissertação de mestrado profissional.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA E CONTEXTO INVESTIGATIVO

Neste capítulo, descrevo o percurso metodológico desta investigação. O percurso foi desenhado no decorrer da pesquisa, em razão da demanda dos próprios dados. Tomo este momento desta investigação como essencial à compreensão dos dados gerados, porque agrega questões que fogem ao domínio linguístico, mas ajudam na compreensão das análises que apresento.

No atual contexto social, metodologias engessadas, prontas e acabadas não respondem de maneira eficiente às demandas da atual sociedade, que se mostra, a cada dia, mais inconstante.

A escola básica é um exemplo dessa efemeridade. Trata-se de uma esfera pragmática em constante aprimoramento, dada a relação interdiscursiva que é estabelecida entre os atores sociais. Logo, a abordagem e o tipo de pesquisa foram escolhidos conforme o processo científico instaurado.

Isso se aproxima do que afirma Morin (2011) ao propor um olhar de subjetividade a respeito do objeto de análise, aqui representado pelos RP. Nesse sentido, não é minha intenção apresentar uma verdade irrefutável a respeito dos dados analisados. Meu objetivo é apresentar uma possibilidade de análise, condizente com as condições instauradas na geração dos dados. Logo, trata-se de um ponto de vista que versa sobre a articulação entre o contexto escolar, que proporcionou a produção dos RP, os próprios dados e meu olhar enquanto professor e pesquisador na área da linguagem. Exemplos de RP podem ser apreciados ao longo do Capítulo III. O meu olhar é influenciado por leituras de mundo que foram construídas durante meu percurso de formação e profissional, especialmente como professor.

Assumo a abordagem qualitativa para o tratamento dos dados, pois é pertinente ao atual paradigma emergente e à própria noção de interdisciplinaridade adotada nesta pesquisa. De cunho interpretativista, a abordagem qualitativa me ajuda a ter um olhar mais crítico, bem como mais sociológico sobre os dados disponíveis.

Quando utilizo o termo “sociológico”, estou afirmando que esta abordagem me possibilita ir além do linguístico, buscando em fatores extratextuais e sociais algumas respostas que surgem da demanda dos próprios dados. Isso, por sua vez, contribui para uma análise mais subjetiva, na qual o interpretativismo me parece um ponto de partida condizente com as demandas de pesquisas desenvolvidas no campo das Ciências Humanas e Sociais (cf. FLICK, 2009; BORTONI-RICARDO, 2008).

O tipo de pesquisa adotado é documental, no sentido de que os RP são gêneros discursivos que semiotizam questões específicas do contexto de sala de aula onde foram produzidos. Logo, a visão de documento assumida não se esgota no linguístico, na documentação escrita, uma vez que compreendo que estes escritos são reflexos de demandas sociais maiores que influenciaram as escolhas lexicais e gramaticais.

Além disso, se trata de um tipo de pesquisa bastante utilizada no campo das ciências sociais e humanas, pois documentam relações históricas, sociais, contextuais e filosóficas de atores de uma dada comunidade, marcados pelo espaço e pelo tempo (cf. SÁ-SILVA *et al*, 2009).

Além disso, neste capítulo, apresento outros gêneros discursivos que, de alguma maneira, contribuiriam para uma produção satisfatória dos RP. Faço aqui referência aos pôsteres, resumos e diários de bordo, concebidos como “gêneros satélites”, no termo proposto por Silva (2015).

Este capítulo é constituído por cinco seções: *Caracterização da escola campo*; *Caracterização da pesquisa*; *Geração dos dados*; *Gêneros discursivos produzidos a partir da Geração dos dados*; e *Crítérios para a Seleção do Corpus Analisado*.

2.1 Caracterização da Escola Campo

Conforme dito previamente, o *corpus* desta investigação foi produzido por alunos do 8º ano da EMT. É constituído essencialmente por RP, considerados como “gêneros catalisadores”, no termo proposto por Signorini (2006). Mesmo identificando outros gêneros discursivos, chamados “gêneros satélites”, os RP nos interessam mais de perto, partindo de seu potencial

desencadeador de desenvolvimento de atividades de análise linguística e leitura, mas principalmente pelo fato de ter sido o gênero discursivo mais focalizado no processo de geração de dados da pesquisa ora apresentada. Por meio da reescrita, os RP foram considerados “gêneros âncoras”, tendo em vista que foram textos produzidos ao final de uma sequência de atividades didáticas culminando numa feira de ciências promovida pela escola campo.

Na Figura 04, ilustro a localização geográfica da escola no município de Imperatriz (MA).



Figura 04: Localização geográfica da escola campo
Fonte: Google

A EMT, local de desenvolvimento da pesquisa, situa-se no centro da cidade de Imperatriz, Estado do Maranhão. Por estar localizada no centro, possui uma clientela de alunos mais próxima das classes privilegiadas.

A cidade de Imperatriz está situada no sudoeste do Estado do Maranhão, com aproximadamente 234.547 mil habitantes. A cidade tem a economia baseada no comércio de mercadorias e serviços.

A EMT tem um público bastante diversificado, há alunos de todos os níveis sociais, de diferentes etnias, de vários níveis culturais. Há alunos indisciplinados, envolvidos com entorpecentes, em número menor, comparando-se com as escolas da periferia da referida cidade maranhense.

Por gozar de prestígio diante da sociedade, as vagas da escola são bastante disputadas. Todos os bairros de Imperatriz possuem escolas. No entanto, a instituição pesquisada recebe alunos de todos os logradouros da cidade. Na escola, estudei o 9º ano do Ensino Fundamental em 1994. Em 2013,

retornei à escola campo agora como professor de Língua Portuguesa dos oitavos e nonos anos do turno vespertino.

A estrutura física e administrativa dessa instituição, fundada em 1971, pelo então Prefeito Renato Cortez Moreira, é composta por:

Ambiente	Quantidade
Salas de aula	08
Pátios cobertos	02
Banheiros	04
Sala dos professores	01
Cantina	01
Biblioteca	01
Secretaria	01
Sala da direção	01
Cozinha	01
Laboratório	01
Almoxarifado	01
Sala de recursos	01

Quadro 01: Composição física da EMT
Fonte: Autoria Própria

A biblioteca contém um acervo de 10 mil livros divididos em didáticos, paradidáticos e os de literatura maranhense, como também, livros de formação de professor. O espaço da biblioteca destinado à circulação de usuários é bem restrito, seguramente este fator traduz-se como impedimento de mais visitas dos alunos à biblioteca. Devido às condições de espaço, não é possível levar turmas para aulas na biblioteca, não é possível desenvolver projetos de leitura na área interna.

Atualmente, a gestão institucional é escolhida pela comunidade escolar. A escola funciona em 02 turnos, atendendo 512 alunos do Ensino Fundamental (1º ao 9º ano), contando com uma gestão formada por 27 professores, 05 administrativos, 01 supervisora educacional, 01 coordenadora pedagógica, 05 Auxiliares de Serviços Gerais e 01 vigia. Há, por parte da gestão, rigor disciplinar, o que confere ao colégio um ambiente limpo e organizado, livre de depredação. O lanche é servido diariamente. As aulas acontecem no turno matutino, iniciando às 7h15min e finalizando às 11h30min. No turno vespertino, as aulas iniciam às

13h15min, finalizando às 17h30min. Não há atividades letivas na escola no Noturno.

É importante ressaltar os projetos pedagógicos desenvolvidos no decorrer do ano letivo, pois se acredita na parceria existente entre a escola e outras entidades formadoras da educação. De imediato, a escola conta com o programa PNAIC, desenvolvido em parceria com a Secretaria Municipal de Educação. A escola participa ainda da Prova Brasil, Olimpíadas de Matemática (OBMEP) e Olimpíadas de Língua Portuguesa.

São desenvolvidos outros projetos locais com o intuito de melhorar o processo ensino-aprendizagem, tais como: “Projeto Festival de Poesia”; “Amostra Científica e Tecnológica da Escola Tocantins – AMOCITINS”; “Projeto Encanta Imperatriz”; “Festival de Música Inglesa”; “Valorização do negro no Brasil”; e “Resíduo Sólido”. Trabalha-se com uma programação extraclasse, como o cinema, teatro, gincanas culturais e clubes recreativos, como forma de valorizar os alunos que obtiveram sucesso nas avaliações.

Um fator que não pode ser desprezado é o intenso calor sentido por todos no turno vespertino. A sala dos professores, a sala da direção, o laboratório e a secretaria são os únicos ambientes refrigerados da escola. As salas de aula são quentes e abafadas. Este fator contribui para a inquietação, indisciplina e comprometimento do rendimento escolar, levando em conta a região quente em que se encontra a EMT.

Apesar de a escola possuir um laboratório de informática, o número de máquinas impossibilitava o uso do espaço para aulas. A escola possuía dez computadores dos quais apenas cinco funcionavam. Poucos professores planejavam atividades em que uso de computadores se fizesse necessário. Durante a intervenção pedagógica, o uso dessas máquinas era esporádico e absolutamente isolado, uma vez que a sala não comportava o número de alunos da turma.

A biblioteca da escola, apesar de conter um acervo de cerca de dez mil livros, não oferecia um ambiente adequado para pesquisa. Há muitos livros empilhados pelo chão, não há atividades planejadas para que os alunos frequentem a biblioteca.

Após descrição da escola onde os dados foram gerados, passo a caracterizar a abordagem e o tipo de pesquisa, assumidos nesta dissertação de mestrado profissional.

2.2 Caracterização da Pesquisa

Esta investigação é uma pesquisa ação de características documentais com abordagem qualitativa. Tomo esse tipo e abordagem de pesquisa como estratégia conveniente ao tratamento do *corpus*, pois entendo que cobram um olhar mais dinâmico do pesquisador no momento da análise dos dados, o que converge com as propostas do atual paradigma emergente.

A noção de pesquisa ação, assumida nesta abordagem, está diretamente associada à ênfase que tentamos conferir aos procedimentos de geração do *corpus* analisado. Nesse sentido, o processo de intervenção é condizente com esse tipo de investigação, tendo em vista o caráter de intervenção pedagógica por parte do pesquisador desta dissertação de mestrado profissional. A pesquisa ação, neste caso, corrobora para uma investigação mais consistente no que se refere às contribuições do pesquisador face às particularidades da escola campo. Algo semelhante ao desenvolvido por Silva (2012), quando o autor relata sua experiência junto a uma escola periférica de Campinas, interior de São Paulo.

Na concepção do investigador, a pesquisa ação oferece subsídios necessários para uma imersão mais significativa por parte do pesquisador no contexto de geração dos dados, o que possibilita uma contribuição mais efetiva no processo de desenvolvimento pedagógico da escola.

Neste sentido, a Feira de Ciências é um evento que acontece uma vez no ano em boa parte das unidades escolares, dentre as quais incluo a EMT. Como a feira é um requisito avaliativo, a adesão é quase que total por parte dos alunos. Neste processo, eles preparam os trabalhos a partir de uma provocação e sugestão dos professores sobre o que pesquisar. Antes da intervenção proposta nesta pesquisa, os relatórios de pesquisa eram feitos baseados apenas em cópias de livros, sites e outras fontes sem nenhuma preocupação em que o aluno produzisse seu próprio texto.

No decorrer desta investigação, pudemos perceber que as intervenções que propusemos foram relevantes para uma produção escrita mais significativa de RP, os quais se revelaram gêneros discursivos de poder catalisador de habilidades linguísticas e de leitura dos alunos do ensino fundamental. Isso, por sua vez, foi proposto de maneira mais evidente por meio das atividades e da prática de reescrita dos RP. Desejamos que essa prática pedagógica contribua para uma formação mais autônoma dos alunos, inclusive para atuação em contextos sociais mais amplos, fora dos muros da escola.

A investigação documental, orientada pela abordagem qualitativa, exige um olhar mais dedutivo do pesquisador ao lidar com os dados, de forma concomitante em que devem ser estabelecidos certos critérios motivadores para o tratamento do *corpus* da pesquisa.

O viés documental desta investigação é também comprovado pelo cuidado no tratamento dos dados e, sobretudo, pelos procedimentos de análise interpretativista. Nesta pesquisa os documentos são analisados a partir do contexto sociocultural de referência, o que confere aos RP características de gêneros discursivos semiotizadores de práticas sociais múltiplas, que dialogam com saberes de diferentes naturezas. Nesse sentido, a pesquisa documental é bastante útil à LA, tendo em vista que é capaz de promover diálogos interessantes sobre diversas áreas do conhecimento, documentalizadas por meio da materialização do registro (cf. SÁ-SILVA *et al*, 2009).

Segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 34), “a pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto”. Isso possibilita uma melhor análise dos dados. Desse modo, os relatórios de pesquisa enquanto gêneros discursivos são analisados. Os objetos em estudo são determinantes para a escolha dessa abordagem de pesquisa.

Os alunos produziram RP, diário de bordo, banner e resumos, no entanto apenas fragmentos dos RP constituem o *corpus* de análise desta pesquisa, foram produzidos pelos alunos do 8º ano A, pertencentes à escola campo. Tomo estes gêneros discursivos como elemento de caráter documental. Sob esse viés, proponho-me a produzir conhecimentos sobre minha prática profissional, de forma a melhorá-la, buscando superar as próprias falhas e contribuir com os alunos no sentido de torná-los cidadãos mais críticos.

A pesquisa documental apresenta as relações de poder, as discursividades, as ideologias, a posição em o que os interlocutores se encontram. São fatores extralinguísticos que não podem ser desprezados na análise. Os alunos produzem a partir de uma competição em que os melhores irão participar de uma Feira Nacional.

Os resultados apresentados nesta dissertação não devem ser vistos como verdades irrefutáveis, tendo em vista que o percurso metodológico, aliado à percepção do atual paradigma científico, contribuiu para que meu olhar sobre os dados analisados fossem influenciados por minha trajetória como professor da EMT, bem como meu conhecimento de mundo, construído a partir de minha relação com outros domínios sociais. Esse tipo de influência é discutida na obra de Triviños (1987) ao traçar um panorama teórico a respeito dos principais métodos e tipos de pesquisa em investigações desenvolvidas no campo das Ciências Humanas e Sociais. Dessa forma, os dados gerados são reflexos de contingências contextuais, sendo materializadas por meio dos escritos que comprovam comportamentos socioculturais.

A ideia de análise documental utilizada está ancorada, principalmente, em Cellardi (2008), quando o autor considera a historicidade e a ideologia como fatores fundamentais. O autor endossa que:

por possibilitar realizar alguns tipos de reconstrução, o documento escrito constitui, portanto, uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador das ciências sociais. (...) graças ao documento, pode-se operar um corte longitudinal que favorece a observação do processo de maturação ou de evolução dos indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, etc (CELLARD, 2008, p. s/p).

De acordo com a concepção de Cellard (2008), a pesquisa documental é pertinente nos estudos das Ciências Humanas, tendo em vista que materializa comportamentos e costumes de uma sociedade em um determinado contexto histórico e social.

Escolhi para objeto de pesquisa os gêneros discursivos que trazem maior empoderamentos, estabelecem relações filosóficas, relação de poder. Possibilitam compreender a evolução dos fenômenos sociais já que agrupam

questões culturais e históricas. Os gêneros discursivos são mais pertinentes à pesquisa documental. Nesse sentido, entendo que os gêneros discursivos que os alunos produziram semiotizam questões específicas das situações interativas da sala de aula. Nesse sentido, os fragmentos de RP analisados no capítulo seguinte são, na verdade, uma manifestação documental, na qual é possível perceber questões de forças e relações de poder entre os atores sociais que compõem o contexto escolar.

Para a análise, foram disponibilizados pela EMT 08 (oito) RP devidamente produzidos por alunos regularmente matriculados em uma turma de 8º ano. A produção do *corpus* ocorreu no contexto de sala de aula, como resultado final da participação desses alunos, após a realização da feira de ciências promovida na escola em questão. Os RP foram eleitos como principal *corpus* de análise desta dissertação tendo em vista que são eles os gêneros que melhor redefinem a relação professor/aluno como colaboradores para a geração dos dados. Nesse sentido, mesmo que outros gêneros discursivos, os denominados “satélites”, tenham contribuído para a produção dos RP, foram estes últimos que melhor sintetizaram a relação entre colaboradores da pesquisa por meio do procedimento de reescrita. Isso, por sua vez, justifica o fato de analisarmos, de maneira mais atenta, os RP produzidos no terceiro capítulo.

Na seção seguinte, apresento os procedimentos que orientaram a produção do *corpus*.

2.3 Geração dos Dados

O 8º ano A é composto por 36 alunos, mas, aproximadamente, 28 alunos frequentam as aulas. Um dos motivos para constantes faltas, segundo os próprios alunos, é a dificuldade de transporte coletivo para poder chegar no horário à escola. Há por parte da gestão, rigor no horário de entrada dos alunos.

Apesar da escola se localizar no centro da cidade, a maioria dos alunos é originária dos bairros periféricos. Alguns já estudaram em escolas particulares. Os que não usam o transporte coletivo vão para a escola no carro dos pais.

A professora-regente possui Licenciatura em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), com experiência de 18 anos em sala de aula, é

especialista em Psicanálise, atuando em clínica aos finais de semana. Na maioria das vezes, a professora-regente não ficava em sala durante as mediações do professor-pesquisador. Num segundo momento de aplicação do CLC, a professora-regente assumiu a turma a fim de que o professor pesquisador organizasse a I Feira de Ciências. Um fator que dificultou as atividades em sala foi a constante falta de professor na escola, o que obrigava a coordenação antecipar aulas a fim de que as turmas não ficassem ociosas. Essa prática contribuiu para um grande déficit na carga-horária a ser cumprida durante o ano letivo.

Como foi dito inicialmente, durante as aulas de gramática, ensino do sujeito, transitividade verbal, objeto direto, objeto indireto, dentre outros conteúdos gramaticais, percebia, nos alunos, desinteresse em relação ao conteúdo ministrado, ainda que fossem utilizadas diferentes metodologias. Podemos elencar metodologias como aula expositiva, explicação oral de cada conteúdo gramatical, vídeo-aula em que outro professor explicava oralmente os termos da oração, atividades lúdicas, jogos com pouca ligação com o conteúdo da aula. O rendimento e o interesse ficavam aquém do esperado.

Contrapondo ao trabalho pedagógico exclusivo com a gramática, optei por incluir o letramento científico como base principal da prática docente. A partir do desenvolvimento de trabalhos científicos na educação básica, tais como *A importância da biblioteca na escola*, *Problemas auditivos em escolares da rede pública e sua relação com a inclusão social*, propusemos à direção e coordenação pedagógica da EMT, um trabalho diferenciado com a investigação científica como foco. O trabalho propunha-se a focalizar apenas o 8º ano A. Na ocasião, a escola possuía duas turmas de 8º ano (A e B). Preocupada com o restante da escola, a diretora sugeriu que o mesmo trabalho fosse feito com toda a escola, no entanto ficou acertado que cada professor ficaria com apenas uma turma. Naquele momento, escolhi o 8º ano A, uma vez que eu era professor da referida turma.

Até iniciar o trabalho, a escola não dispunha de material humano para o desenvolvimento da ação educativa. A direção da instituição decidiu me afastar da sala de aula a fim de que eu cuidasse da Feira Científica da escola, além de outras atividades pedagógicas. Era comum realização de feiras sem critérios

científicos. Normalmente, para esses eventos, preocupavam-se apenas com a estética do ambiente, usando, assim, elementos decorativos como balões, cartazes e outros. Não havia a preocupação com a produção do diário de bordo, RP, pôster científico. Não se observava a relevância social e pedagógica dos trabalhos. A cultura que permeava as “feiras” ou “mostras” científicas é representada na Figura 05.



Figura 05: Cena de uma feira de ciências sem critérios científicos
Fonte: Acervo pessoal

Assim como a figura reproduzida previamente, a Figura 06 também retrata as feiras realizadas na escola campo, estrutura bem precária, descaracterizando uma feira científica. A aplicação do CLC culminará com uma feira nos moldes da FEBRACE¹, com critérios, seleção de projetos, avaliadores externos e credenciamento para outras feiras.

¹ A Feira Brasileira de Ciências e Engenharia é uma mostra científica de projetos de estímulo ao jovem cientista, que todo ano realiza na Universidade de São Paulo. A FEBRACE assume um importante papel social incentivando a criatividade e a reflexão em estudantes da educação básica, através do desenvolvimento de projetos com fundamento científico, nas diferentes áreas das ciências e engenharia. Desenvolvemos o ano todo ações de incentivo à cultura investigativa, de inovação e empreendedorismo em nosso país. A FEBRACE iniciou no ano de 2013 ao longo deste tempo tem descoberto novos talentos e gerado oportunidades. Sua história é composta por alunos, professores, pais e escolas que juntos desenvolvem projetos de pesquisa de relevância social. Disponível em: <http://febrace.org.br/o-que-e-a-febrace/#.WNvWfm8rKM8> acesso em 22 de novembro de 2016.



Figura 06: Cena de uma feira de ciência sem critérios científicos
Fonte: Imagem retirada da internet

A feira científica foi um evento que a escola campo promoveu com o intuito de expor alguns trabalhos elaborados pelos alunos da instituição, elaborados com fins avaliativos em diversas disciplinas da matriz curricular. Independentemente da disciplina a que pertence, tais trabalhos são manifestações da linguagem.

Na feira onde ocorreu a culminância da intervenção pedagógica que geraram os dados analisados no terceiro capítulo, os alunos expuseram pesquisas científicas diferenciadas, as quais se tornaram objetos de reflexão posteriormente, no momento de produção do RP. Logo, a feira científica a que me refiro nesta dissertação nada mais é que um momento de diálogo interdisciplinar que ajuda o aluno da escola básica a entender os movimentos entre as diferentes disciplinas, a partir de temas geradores de natureza inter e transdisciplinar.

As Figuras 5 e 6 ilustram uma feira em que o caráter científico não é levado em conta, pois se resumem a ornamentações que versam sobre assuntos que interessam, mais de perto, os professores nas aulas de biologia ou química, que, no ensino fundamental II, são estudados no componente curricular “ciências”.

O uso dessas figuras são pertinentes à dissertação, uma vez que ajudam o leitor a entender o que estou compreendendo como produtivo na feira de

ciências que foi exposta na EMT. Por outro lado, não ignoro o esforço dos professores em organizar uma culminância em que o caráter científico pudesse estar presente de alguma maneira. Assim, lembro que a escola campo orienta os alunos acerca das atividades que devem ser desenvolvidas na feira científica, tal como o que deve ser exposto e a maneira como tal exposição deve ocorrer. O letramento científico não é explorado com frequência quando a referência é o ensino de língua materna.

Entretanto, entendo que o esforço do professor de língua materna em mostrar cientificidade naquilo que cabe dentro de suas possibilidades às vezes ocorre de maneira inconsciente, pois se apoiam apenas na prática, quando não se têm conhecimento especializado sobre letramento científico.

As figuras reproduzidas retratam as primeiras manifestações de mostras tidas como científicas realizadas pelos professores. Nesta época, havia pouco material humano e didático sobre pesquisa disponível na escola. Em geral, esses escassos materiais sobre feiras científicas não estavam ao alcance dos professores. Por conseguinte, por pelo menos duas décadas, este tipo de evento era frequente na escola.

Não havia pôsteres científicos. Há exposição de materiais sobre a mesa, cartazes artesanais, enquanto que em uma feira científica seriam evitados tais materiais. As feiras de ciências da atualidade são baseadas ou espelhadas em feiras como FEBRACE, que ocorre anualmente na USP, e a MOSTRATEC, que ocorre anualmente em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. Essas são consideradas as maiores feiras de ciências do Brasil. Baseado na proposta e na estrutura destas feiras, afirmo que, em uma Feira Científica, cada estande montado precisa ter um pôster científico (também chamado de Banner), o RP, o diário de bordo. Quando projeto é de Engenharia pode-se colocar um protótipo sobre a mesa de exposição. Em casos de experimentos não é aceita exposição de qualquer matéria orgânica, os alunos podem expor fotos ou outras imagens. Os avaliadores são alunos de graduação e professores convidados. Essa postura contribui para a construção científica da imagem do evento, evitando achismos ou a predominância de julgamentos sem perspectivas mais palpáveis.

Somente a partir da minha transferência para a escola campo no ano de 2013, iniciei um trabalho junto aos alunos do 8º ano A vespertino. Na época, eu

desconhecia os termos letramento e letramento científico. Somente no segundo momento de produção dos RP, no ano de 2014, propus o CLC baseado na abordagem do letramento científico. Minha contribuição visa a modificar a prática pedagógica, preenchendo lacunas deixadas por um ensino bastante escolarizado, concomitante a isso, a auxiliar a prática dos colegas professores da EMT.

Proponho o CLC como mediação para um ensino mais produtivo. Boa parte dos alunos da escola campo participou do CLC. No entanto, ressalto tão somente o trabalho desenvolvido com os alunos do 8º ano, colaboradores desta pesquisa de mestrado profissional.

Nas poucas vezes em que a professora-colaboradora assistiu às minhas aulas, ocorriam intervenções durante a aplicação do CLC. A turma dispunha de 05 aulas semanais de Língua Portuguesa no horário de aula, das quais 02 aulas foram reservadas à aplicação do CLC, conforme exposto no Quadro 2.

2ª Feira	4ªFeira	6ªFeira
2 aulas	1 aula	2 aulas
Aulas de GRAMÁTICA	Aula de Literatura	Aplicação do CLC
Apenas a professora-colaboradora permanecia em sala de aula.	Apenas a professora-colaboradora permanecia em sala de aula.	O professor-pesquisador permanecia em sala, em alguns momentos a professora-colaboradora participava das aulas.

Quadro 02: Horário de Aula – Língua Portuguesa do 8º ano A

Fonte: Autoria Própria

Na segunda-feira, as aulas ministradas são pautadas pela gramática normativa. Ocorre uma exposição oral pela professora e, em seguida, os alunos respondem atividades do livro didático, alusivas ao conteúdo anteriormente ministrado. São usados para isso dois horários de aula de 50 minutos cada um. Na quarta-feira, ocorre a aula de literatura, que é caracterizada pela leitura do livro do bimestre, resolução de questões e discussões relacionadas ao livro. Para esse fim, é destinado um horário de 50 minutos. Na sexta-feira, ocorre o CLC, em dois horários de 50 minutos.

O primeiro momento da pesquisa foi caracterizado pelo trabalho cooperativo que desempenhei com outros professores colaboradores. As

atividades didáticas foram elaboradas juntamente com as estratégias de aplicação nos encontros presenciais. Foram realizados alguns encontros com os professores com a finalidade de orientar sobre as bases do CLC. Esse primeiro momento consiste na execução de oficinas, nas quais foram discutidas possibilidades de execução de atividades interdisciplinares durante a feira.

Muito do que foi proposto teve inspiração nas discussões com colegas professores de outras áreas. Minha intenção era captar como as demais áreas do conhecimento humano percebiam a mesma problemática do ensino e o poder catalisador da feira científica na minimização dessas problemáticas. Tomo esse momento como frutífero para a geração dos dados, pois é possível perceber reflexos dessa intervenção e diálogo na escrita dos RP.

OFICINAS COM OS PROFESSORES	HORÁRIOS DAS OFICINAS
26.02.2016 – TERÇA-FEIRA	Das 16h às 17h30
27.02.2016 – QUARTA-FEIRA	Das 16h às 17h30
28.02.2016 – QUINTA-FEIRA	Das 16h às 17h30

Quadro 03: Dias e horário das oficinas com professores

Fonte: Autoria Própria

As oficinas foram aplicadas com os professores para contribuir com uma visão mais interdisciplinar do trabalho docente. Não é novidade dizer que as dificuldades encontradas para o desenvolvimento dessa proposta foram muitas, ora porque alguns professores se deixavam levar pela dificuldade de conversar e desenvolver um trabalho em equipe, ora por encontrar a mesma dificuldade para entender a disciplina do outro professor como componente curricular complementar ao seu. Em seguida, apresentarei alguns slides que foram trabalhados durante as oficinas ministradas aos professores.

A Figura 07 ilustra o que o orientador deve assumir diante de uma situação enunciativa. Segue um slide utilizado como orientação para os participantes da FEBRACE. É relevante para se entender o papel do letramento científico nas feiras de ciências. Esse material foi utilizado no CLC.

Papel do orientador

- É o apoio;
- Verifica se o projeto é viável, se é ético;
- Indica caminhos, contatos, bibliografia;
- Responsável pela segurança do aluno, acompanha as práticas;
- Efetua as correções do projeto e do relatório;
- Auxilia o aluno na questão da documentação necessária para o “Comitê de Revisão Científica e Feiras”;
- Verifica o caderno de campo e faz sugestões, etc.



Figura 07: Papel do orientador
Fonte: FEBRACE²

É papel do professor, na função de orientador das feiras científicas, dar suporte aos alunos e a toda a equipe organizadora do evento. É necessário ter ética no trabalho e respeitar os limites de cada ator social envolvido nas atividades científicas. Além disso, também é sua função, dar sugestões e opiniões sobre as atividades desenvolvidas, com o intuito de otimizar o trabalho discente.

O conteúdo da Figura 7 é pertinente à Feira de Ciências da EMT, tendo em vista seu caráter generalizador e, acima de tudo, crítico, no que se refere à postura do professor orientador.

O docente que orienta tais atividades deve ter uma posição de liderança que respeite os limites de sua equipe, sempre lembrando que toda atividade científica é feita por intermédio da ajuda mútua entre as partes. Ao adotar uma postura de respeito diante das limitações dos membros de sua equipe, o professor, conseqüentemente, estará agindo com ética, pois a tomo como algo primordial para o bom desempenho do letramento científico, no caso desta dissertação de mestrado profissional, o letramento científico no ensino de Língua Portuguesa.

² Disponível em: http://febrace.org.br/arquivos/site/_conteudo/pdf/dicas-de-metodologia-de-pesquisa.pdf

Na Figura 08, reproduzo um slide da Feira de Ciências da FEBRACE. Trata-se de uma ilustração na qual são elencados alguns pressupostos sobre a importância do desenvolvimento da pesquisa científica no âmbito escolar.

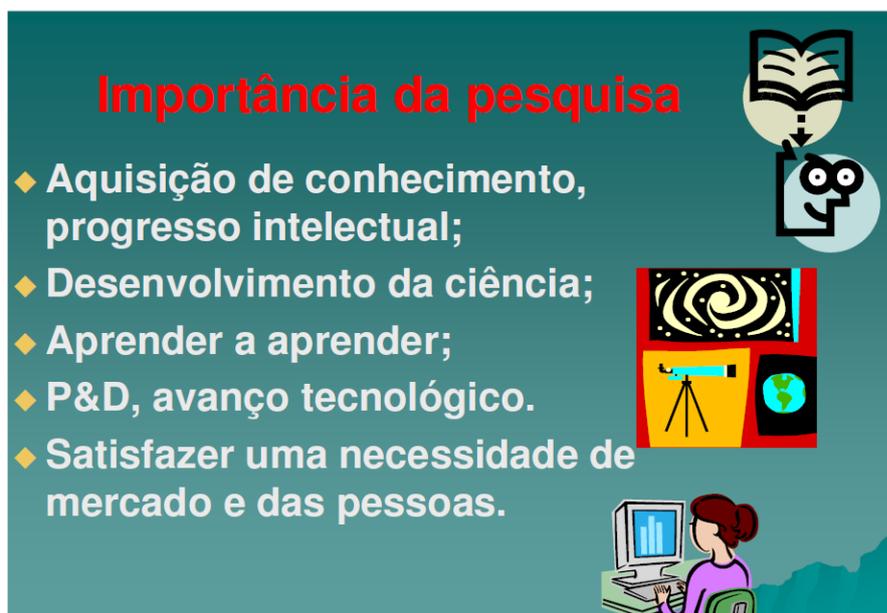


Figura 08: Importância da pesquisa
Fonte: FEBRACE³

De acordo com a Figura 08, a importância da pesquisa na educação básica está relacionada à ideia de aprendizagem a partir da concepção de ciência, que ajuda, conseqüentemente, o aluno a entender os avanços tecnológicos, bem como seu próprio conhecimento intelectual. Tomo tais pressupostos como positivos, uma vez que a noção de letramento científico que contemplo nesta investigação é de caráter interdisciplinar, ou seja, a aprendizagem da língua materna não se restringe à própria disciplina, mas sim a todo o conjunto de disciplinas curriculares que se integram e se complementam.

Durante as oficinas, os alunos tiveram aulas até a hora do intervalo, pois foram liberados em seguida, quando foram promovidas as oficinas para os professores. A supervisão das atividades ficava por conta da diretora e da coordenadora da EMT. Durante as oficinas os professores recebiam orientações de como fazer um RP, tendo como ponto de partida outros gêneros que podem

³ Disponível em: http://febrace.org.br/arquivos/site/_conteudo/pdf/dicas-de-metodologia-de-pesquisa.pdf

contribuir para a produção do texto ora referido, os chamados “gêneros satélites”, tais como diário de bordo, resumo e pôster científico. Na ocasião, formei o comitê de revisão científica.

O início do CLC com os alunos foi a partir do dia 15 de março de 2013, nos dois últimos horários. Por desmotivação ou, talvez, por não compreensão do projeto, muitos alunos saíam da escola e não participavam das oficinas.

OFICINAS	DATAS	DURAÇÃO
Março	Dias 15 e 29	14h55 às 16h50
Abril	Dias 12 e 26	14h55 às 16h50
Maio	Dias 10 e 24	14h55 às 16h50
Junho	Dias 07 e 21	14h55 às 16h50
Agosto	Dias 09 e 23	14h55 às 16h50

Quadro 04: Datas e horários das oficinas com os alunos

Fonte: Autoria Própria

Percebi a necessidade de desenvolver também oficinas com os alunos, partindo do pressuposto de que tais oficinas poderiam orientá-los, tanto na execução e na compreensão interdisciplinar da feira científica, quanto na elaboração mais consistente do RP, no sentido retórico propriamente dito.

As oficinas foram desenvolvidas a partir de sequências de atividades que procuravam diagnosticar a dificuldade dos alunos em compreender a proposta da feira, em uma perspectiva mais global, para, a partir disso, proporcionar debates mais densos a respeito do diálogo entre as disciplinas que cursavam na complexificação do olhar sob o próprio trabalho a ser exposto na feira.

Percebi que os alunos não tinham a mínima noção de trabalho científico, ao visualizar as imagens das feiras de ciências anteriormente apresentadas no pátio da escola. Ao corrigir os textos, observei a desestrutura dos escritos dos alunos, as produções eram todas baseadas na narrativa. Já tendo participado em outra escola de feiras que provocaram verdadeiras mudanças de concepção de estudo e de pesquisa, conseqüentemente, mudança de vida dos alunos.

Defino como CLC o projeto que norteia o *corpus* desta dissertação. Inicialmente, os alunos passaram por orientações em sala, cada turma com um professor formador. Não detalharei o trabalho feito nas outras turmas do colégio.

Ater-me-ei à turma do oitavo ano, focalizada nesta pesquisa documental. Esta foi a turma acompanhada no primeiro e segundo momentos da intervenção.

A Figura 09 ilustra as características que o pesquisador deve assumir diante das especificidades do objeto cientificamente analisado.

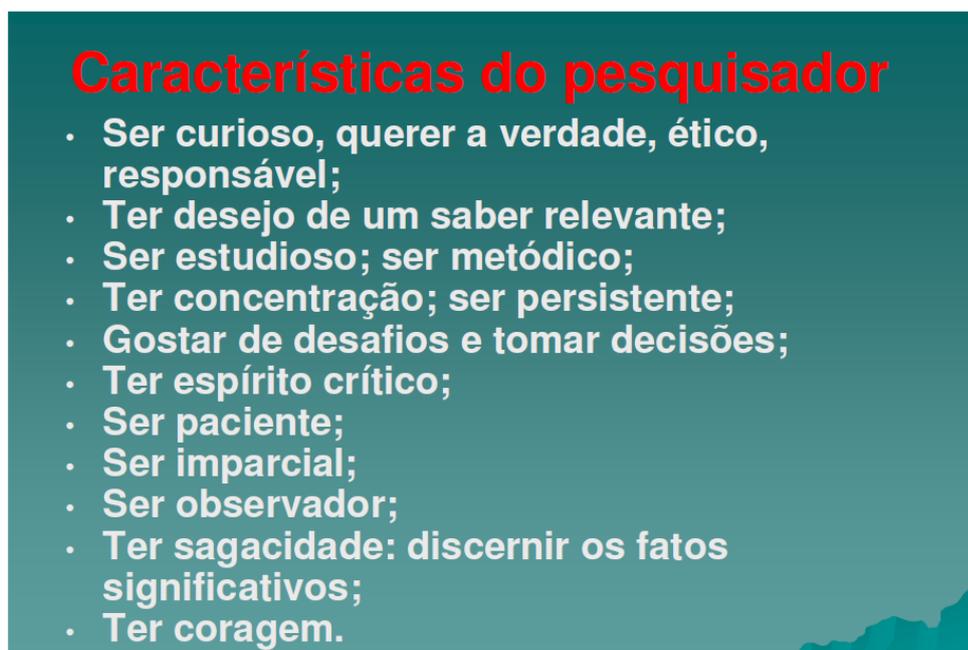


Figura 09: Características do Pesquisador
Fonte: FEBRACE⁴

A Figura 09 é pertinente ao que proponho nesta investigação. O referido conteúdo remete aos princípios do letramento científico. Conforme a ilustração, o pesquisador deve ser curioso e, ao mesmo tempo, tentar ser imparcial diante do que está pesquisando. Retoma ainda as ideias do paradigma emergente que entende a curiosidade como uma de suas características. O letramento científico tende a contribuir para uma formação de cidadãos mais críticos, mais criteriosos e mais conscientes do perfil inconstante da sociedade contemporânea.

No Quadro 05, elenco o período e as atividades que foram desenvolvidas para que acontecesse a Feira Científica na EMT. Trata-se de um esquema constituído por duas colunas: na primeira, identifico o período em que as atividades foram desenvolvidas; na segunda, elenco os exercícios didáticos produzidos pelos alunos da escola em questão, produtores dos RP analisados.

⁴ Disponível em: http://febrace.org.br/arquivos/site/_conteudo/pdf/dicas-de-metodologia-de-pesquisa.pdf

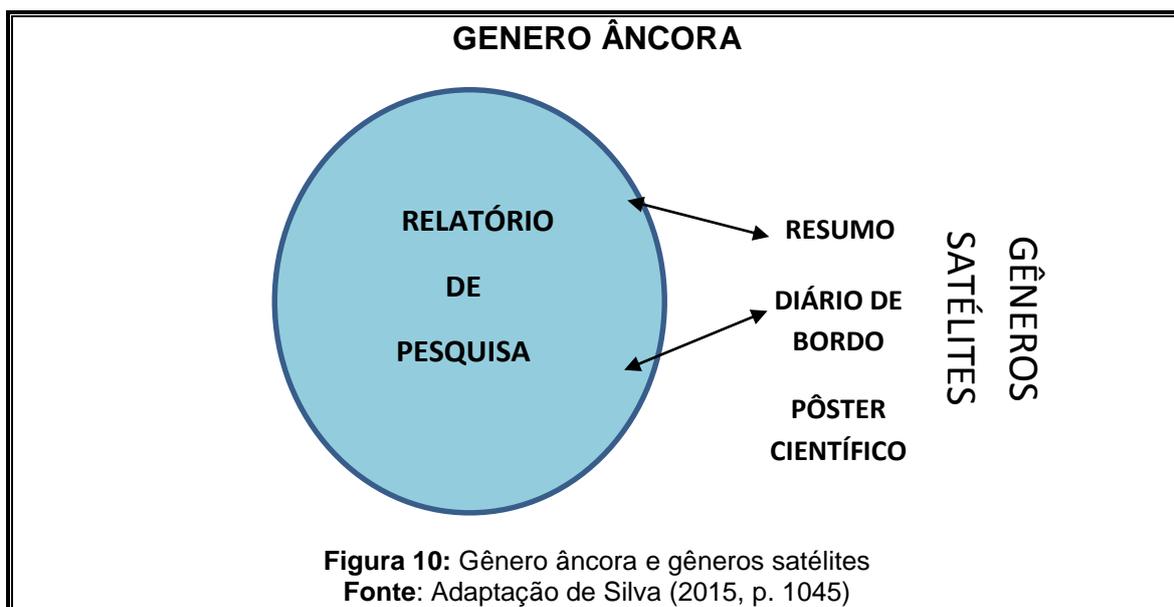
PERÍODO	ATIVIDADE DESENVOLVIDA
MARÇO de 2013	Para o primeiro contato dos alunos com o método científico, passei um vídeo de estudantes apresentando trabalhos em feiras científicas. Os alunos ficaram atentos assistindo. Em seguida, promovi um debate relacionado ao vídeo assistido. Comecei mostrando os princípios para o letramento científico, apresentando cada um deles. No segundo encontro, explanei sobre as características do pesquisador, classificação da pesquisa. Trabalhei como fazer uma introdução e metodologia. Os alunos em seguida tiveram um momento de produção em seus cadernos.
ABRIL de 2013	No primeiro encontro do mês, trabalhei como fazer uma pesquisa científica. Em seguida, os alunos produziram seus respectivos textos. Em um dado momento, houve correção das produções feitas nos encontros anteriores. Reescrita dos gêneros discursivos.
MAIO de 2013	Trabalhei sobre caracterização do projeto, tipos de projeto, por que fazer projeto antes da pesquisa propriamente dita e perguntas de um projeto. Metodologia científica para investigação na área das ciências: Problema, Justificativa, Hipótese, objetivos, Referencial Teórico, Método, Análise e Interpretação dos dados.
JUNHO de 2013	Amostragem, coleta de dados, cronograma, recursos e produção de diário de bordo, relatório e apresentação oral. Reescrita dos textos.
AGOSTO de 2013	Oficina de redação científica, impessoalização dos termos, coerência, coesão; preparação para I Feira da Escola; início da produção dos projetos de pesquisa; reescrita dos textos.
SETEMBRO de 2013	Quinto passo do CLC foi visitação a outras Feiras Científicas pela cidade; preparação para I Feira da Escola; produção de pôsteres científico, relatórios, resumos e diários de bordo.
OUTUBRO de 2013	5º Etapa: visitação de outras Feiras Científicas pela cidade. Preparação para I Feira da Escola, Produção de banner, relatórios, resumos e diários de bordo.
NOVEMBRO de 2013	Realização da I AMOCITINS: Amostra Científica e Tecnológica da Escola Municipal Tocantins, no dia 29 de novembro de 2013. Apresentação oral dos alunos, exposição de banner, entrega dos relatórios, resumos e diários de bordo.

Quadro 05: Período e Atividade Desenvolvida**Autoria:** Autoria Própria

Na próxima seção, exponho os gêneros discursivos produzidos ao longo das atividades pedagógicas realizadas, o que caracteriza o “gênero âncora” e o “gênero satélite”.

2.4 Gêneros produzidos na geração dos dados

Ao longo da geração dos textos utilizados como *corpus* desta pesquisa, os alunos produziram nas oficinas relatórios, resumos, diários de bordo, resumos e pôsteres. Por vezes, devido ao tempo, não era possível a conclusão destes textos em sala de aula. Os alunos eram motivados a concluir em casa os gêneros discursivos. Não se pode desprezar o desenvolvimento da oralidade dos alunos ao longo das atividades desenvolvidas. A reescrita dos textos fazia com que os próprios alunos percebessem a necessidade de correção e adequação textuais. É importante destacar que, ao longo da preparação destes dados, não havia a intenção de se produzir esta pesquisa, razão pela qual alguns dados não podem ser apresentados em razão de terem sido extraviados na própria escola.



A partir da Figura 10, assumo que os resumos, diários de bordo e pôsteres científicos são vistos como “gêneros satélites”, ou seja, como gêneros discursivos auxiliares para a construção efetiva do produto final, neste caso os RP. A figura mostra ainda a inter-relação entre estes “gêneros satélites” por meio de uma seta de ponta dupla. Isso, por sua vez, sugere um movimento constante entre os gêneros na tentativa de contribuir na elaboração dos RP.

O RP funcionou como gênero catalisador, a partir de sua relação meta e interdiscursiva com outros gêneros textuais mobilizados. Como suporte, os gêneros catalisadores de acordo com Signorini (2006, p. 14) favorecem o desdobramento e a maximização de “ações e atitudes consideradas mais produtivas para o processo de formação”. É como se os gêneros catalisadores fossem o alicerce de sustentação dos outros gêneros. Esse diferencial dos gêneros catalisadores favorece e enriquece as aulas, pois funcionam como instrumento de mediação no trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor de língua materna em sala de aula.

Nesta dissertação de mestrado profissional, analiso 08 fragmentos dos RP produzidos na EMT. Por meio dos fragmentos analisados, é possível perceber o quanto o letramento científico foi fundamental nesse processo de intervenção, apesar do meu desconhecimento teórico sobre letramento científico na época. Do número total da turma, tivemos cinco alunos que não conseguiram concluir o RP. As razões destes estudantes não terem concluído o relatório ocorreu por desmotivação, por desentendimentos nos grupos de pesquisa, por não compreenderem a importância à pesquisa na escola.

Adotei alguns critérios para o recorte textual que faço dos RP analisados no capítulo seguinte desta dissertação. Estes critérios são de natureza semântico-discursiva, tendo em vista que entendo os RP como gêneros discursivos perpassados por ideologias do meio em que foram produzidos.

Utilizo a expressão “semântico-discursivo” para designar critérios de natureza ideológica, tendo em vista que são semânticos, a saber os efeitos de sentidos que causam no entorno do texto em sua íntegra, bem como discursivos, visto que a escrita dos RP semiotizam práticas discursivas específicas do contexto de sala de aula prioritariamente

O Quadro 06 ilustra as categorias analíticas e seus respectivos critérios semântico-discursivos. Trata-se de um esquema composto por duas colunas, nas quais a primeira se encarrega de elencar tais categorias, e a segunda de esboçar seus respectivos critérios.

CATEGORIAS ANALÍTICAS	CRITÉRIOS SEMÂNTICO-DISCURSIVOS
------------------------------	--

Análise dos resultados no primeiro momento da pesquisa	Posicionamento crítico do aluno da escola campo diante de temas transversais.
Análise dos resultados no segundo momento da pesquisa	Posicionamento crítico do aluno da escola campo diante da postura do jovem na atualidade.

Quadro 06: Categorias analíticas e seus critérios semântico-discursivos

Fonte: Autoria Própria

Cada categoria de análise elencada no Quadro 6 está desenvolvida no Capítulo III em forma de seções. Cada uma agrega 04 excertos de RP, em conformidade com os critérios adotados, conforme mostro. No capítulo seguinte, apresento a análise dos dados gerados.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS GERADOS

Neste capítulo, apresento a análise dos RP produzidos pelos alunos do 8º ano no contexto de sala de aula. *A priori*, faço uma análise sobre os dados gerados durante o primeiro momento da geração do *corpus*, quando a turma ora referida estava sob meus cuidados. Aponto alguns avanços no que se refere à escrita escolar, tendo como ponto de partida a ideia de letramento científico apresentada e discutida no primeiro capítulo desta dissertação.

Na análise, destaco fragmentos dos RP produzidos pelos grupos de alunos. Procuo demarcar os avanços da escrita obtidos de uma versão do texto para a outra. Essa proposta, então, engloba o papel dos textos escritos como materializações linguísticas que proporcionam situações de catalisação de leitura e análise linguística.

A posteriori, analiso parte do *corpus* gerado no segundo momento de geração dos dados, quando eu já havia deixado a turma e uma nova professora havia assumido. Neste momento, comecei a apropriar-me dos conhecimentos sobre letramento e letramento científico. Tal como fiz na primeira seção, analiso os dados sob uma perspectiva otimista sobre o resultado alcançado. A meu ver, o ensino de língua materna a partir da noção de letramento científico mostra-se eficaz, uma vez que contribui efetivamente para a minimização de problemáticas latentes na escrita dos alunos da escola básica.

Parto do princípio de que a construção de sentido não se dá em um único momento do texto. Às vezes, há informações relevantes que se revelam no entorno do texto. Por isso, contextualizo os exemplos, explicitando para o leitor o que o aluno da escola básica apresenta antes e depois do excerto analisado. Isso ajuda na construção da unidade dos sentidos produzidos.

Este capítulo é constituído pelas seguintes seções: *Análise dos resultados no primeiro momento da pesquisa*; e *Análise dos resultados no segundo momento da pesquisa*.

3.1 Análise dos resultados no primeiro momento da pesquisa

As atividades iniciais desenvolvidas nas primeiras reuniões do CLC foram de familiarização dos alunos com os termos científicos. Isso, por sua vez, demandou, inicialmente, contextualização e inserção da turma nas atividades científicas. Não sei se esta foi a melhor motivação, mas falamos aos alunos que, dentre os grupos de pesquisa, aquele que mais se destacasse teria a possibilidade de participar da Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (FEBRACE), na Universidade de São Paulo (USP) em março de 2014.

Sugeri alguns dos temas pesquisados pelos alunos, outros temas, os próprios alunos sugeriram. Como orientador, motivei a turma a escolher assuntos com alguma relevância social e pedagógica. Alguns grupos, por exemplo, queriam pesquisar sobre AIDS, aborto, drogas e plantas, estes são alguns dos temas mais recorrentes em feiras científicas, não foi fácil, mostrar aos alunos as várias possibilidades. Em uma das oficinas, mostrei aos alunos que do tema *Cachorros de rua* é possível extrair vários subtemas.

Sei que estes temas já são, de certa forma, massificados pela mídia ou por outros contextos linguísticos, dada sua presença no mundo contemporâneo. Entretanto, acredito que essa massificação pode ser tomada como fator positivo para o trabalho com letramento científico, ao considerar que são temáticas científicas por natureza. Utilizo o termo “científicas por natureza” no sentido de serem assuntos interdisciplinares por si só, o que demanda conhecimento de várias partes das ciências humanas, biológicas e sociais. A ideia de cientificidade reside justamente nesta possibilidade de articulação interdisciplinar, o que confere à pesquisa uma identidade científica, a partir do momento que não é algo discutido a partir de hipóteses, mas sim de situações concretas e documentalizadas.

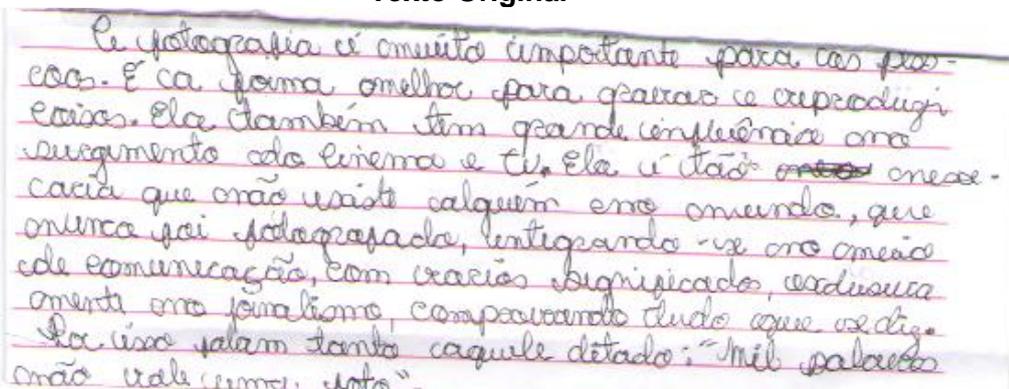
Os relatórios para a AMOCITINS foram produzidos em grupo. Nas Feiras Nacionais, regionais os grupos de pesquisa são em no máximo três alunos. Nas feiras Internacionais como a Intel Isef, as pesquisas são individuais. Inicialmente, na escola Tocantins, por questões de logística e material humano para trabalhar com os alunos, os grupos de pesquisa foram de até cinco alunos. Com este número, foi possível contemplar mais alunos. Estes relatórios foram produzidos

durante a aplicação do CLC. Somente ao final do circuito, os textos ficaram prontos. Os recortes temáticos foram escolhidos a partir da relevância social e pedagógica dos assuntos e temas abordados pelos alunos.

As mostras científicas nas escolas de educação básica constituem-se como um dos eventos mais trabalhosos e esperados na escola, somente a gincana anual compete em termos de preparação e ansiedade por parte dos alunos. A partir do momento em que foi feita a proposta da realização da primeira feira na EMT nos moldes das feiras reconhecidamente científicas, houve inquietamento geral na escola campo. Um dos itens essenciais apresentados na feira foi o “gênero âncora” RP. Fiz alguns recortes dos RP apresentados pelos alunos para a análise dos resultados desta pesquisa de MP.

Apresento o Exemplo 1 com excerto inicial retirado de um relatório após o processo de reescrita textual. Compõe parte do RP apresentado pelos alunos por ocasião da feira de ciências (AMOCITINS). A pesquisa do aluno trata da comparação da fotografia no século XX e a fotografia no século XXI. Os alunos pesquisaram sobre os valores dados à fotografia em diferentes épocas. A parte inicial do texto fala da fotografia de forma geral. As intervenções pedagógicas, marcadas pelas alterações de reescrita textual, tornam-se pontos positivos na escrita do aluno, considerando que tais intervenções corroboram para a boa estruturação retórica dos enunciados.

Exemplo 1 Texto Original



A fotografia é muito importante para as pessoas. É a forma melhor para guardar e reproduzir coisas. Ela também tem grande influência no surgimento da ciência e da arte. Ela é tão ~~uma~~ necessária que não existe ninguém no mundo, que nunca foi fotografado, tentando-se no meio de comunicação, com vários significados, exclusiva mente no formalismo, comparando tudo que se diz. Por isso vale tanto aquele ditado: "Mil palavras não valem uma foto".

Texto 1 Digitado

A fotografia é de extrema importância na sociedade. Podemos considerá-la como o meio mais perfeito para gravar e reproduzir manifestações culturais. Além disso, a fotografia tem grande influência no surgimento da TV e do Cinema, outros grandes instrumentos da sociedade. É tão importante que não se pode imaginar alguém que não tenha sido fotografado, servindo também como meio de comunicações, podendo assumir milhões de significados, principalmente no campo publicitário, onde a criatividade rege, e no campo do jornalístico, serve como recurso de registro, e reforça o que está sendo dito. Não é à toa que dizem que "Uma imagem vale mais que mil palavras".

Neste contexto, foram apresentados exemplos de alunos que, até então, não sabiam produzir um parágrafo sem copiar, absolutamente tudo. Nos textos dos alunos, são comuns apenas recortes estanques do texto original. Em todos os níveis de ensino, encontramos alunos com dificuldades de escrita. A escrita do aluno melhorou sensivelmente, por ação do letramento científico. Para isso, foram necessárias várias leituras sobre os temas pesquisados. O professor foi de suma importância no processo de reescrita, pois tinha o papel de ler e ajudar adequar os textos. Em momentos anteriores à aplicação do CLC, os alunos não tinham a preocupação de melhorar a linguagem textual.

O texto passou por uma reescrita. Na primeira versão, não havia clareza, articuladores. Em se tratando de articuladores, um ensino pautado na tradição não teria o mesmo impacto em sala de aula. O excerto selecionado apresenta o uso do articulador *além disso*, que nos remete a ideia de continuidade e progressão ao texto. Em um dado momento de minha intervenção, tivemos um momento de trabalho com a turma em que apontamos o uso e a necessidade dos articuladores textuais como forma de manter a unidade do texto. Houve uma absorção dessa informação. Arrolados ao lado do texto, há dois princípios para o letramento científico, quando o aluno se interessa em pesquisar sobre a fotografia como fonte de renda, a investigação e curiosidade se manifestam, logicamente amparados pela aplicabilidade.

No Exemplo 2, analiso um excerto de RP de um segundo aluno da turma. Foi retirado do RP que trabalhava com a temática escolha da profissão. Logo, a intervenção didática aparece, no excerto, como algo basilar na construção de

sentidos dos enunciados, pois foi a partir dela que o aluno parece ter ganhado subsídios essenciais para construção das ideias.

Exemplo 2

Texto Original

Ter que decidir o que vamos ser aos 17 anos é uma tarefa um pouco complicada. Na verdade, nós não temos ideia ainda do que queremos pra nossa vida. É nesse momento que todos cobram de você uma resposta e uma escolha, escolha essa que vai mudar seu caminho rumo a vida adulta. Passamos a vida inteira, sempre ouvindo dos ^{nosso} pais, ^{avós} tios e amigos que profissão boa é ^{medicina} ^{de advogado}. Como se ^{se} seguir em um desses te desse a garantia do teu sucesso. Só esquecem de nos perguntar se é o que queremos, se é o que provavelmente nos faria feliz. Somos influenciados pelo retorno financeiro de profissões específicas e esquecemos de nos perguntar se gostamos de desenvolver aquela atividade todos os dias. Faça o que gosta e isso nunca será um peso para você. Isso quer dizer que escolher sua profissão é como escolher com quem vai se casar, é para sempre.

Existem chances de dar certo ou não, mas se for pra arriscar, arrisque-se com seu melhor amigo, aquele com quem você tem mais proximidade, ou no caso, escolha aquela que parece mais próxima e prazerosa para você. As chances de dar certo se tornam muito maiores. Pesquisador e conhecer a profissão que vai nos acompanhar, é importante. Ser, conversar com pessoas que conhecem a profissão que pretendida a, só então, começar. Lembre-se, sempre, que na vida existem empiristas, e se depois você des-



cobrir que sua escolha não foi a melhor, mudar de profissão é possível. O importante é que a pessoa esteja feliz com a profissão dela. Ela será mais produtiva. Como um espaço em que as pessoas trabalhem bem a vontade.

Exemplo 2 Digitado

Ter que decidir o que vamos ser aos 17 anos é uma tarefa um tanto complicada. Na verdade, nós não temos ideia ainda do que queremos pra nossa vida. É nesse momento que todos cobram de você uma resposta e uma escolha, escolha essa que vai nortear seu caminho rumo a vida adulta. Passamos a vida inteira, salvo algumas exceções, ouvindo dos nossos pais, avós, tios e amigos que profissão boa é “x” ou “y”. Como se seguir em uma dessas te desse a garantia do teu sucesso. Só esquecem de nos perguntar se é o que queremos, se é o que provavelmente nos fará feliz. Somos norteados pelo retorno financeiro de profissões específicas e esquecemos de nos perguntar o quão prazeroso será desenvolver aquela atividade todos os dias. Parafraseando Confúcio: faça o que gosta e isso nunca será um peso para você. Isso implica em dizer que escolher sua profissão é como escolher com quem vai se casar. Existem chances de dar certo ou não, mas se for pra arriscar, arrisque-se com seu melhor amigo, aquele com quem você tem uma ligação e interesse, ou no caso, escolha aquela que parece mais próxima e prazerosa pra você. As chances de dar certo se tornam muito maiores. Pesquisar e conhecer a profissão que vai nos acompanhar, é fundamental. Ler, conversar com profissionais da área, pesquisar a viabilidade de cursar a profissão pretendida e, só então, começar. Lembrando, sempre, que na vida existem inúmeras possibilidades, e se lá na frente descobrir que sua escolha não foi a melhor, mudar de profissão é possível. Estar feliz com o que faz é a característica mais importante do sucesso.

Nota-se uma alteração significativa na forma dos alunos escreverem, ainda que pela qualidade dos textos, observo o plágio feito por alguns estudantes quando se apropriaram de textos da internet no processo de reescrita. Os textos se mostravam inicialmente, sempre com um tom coloquial⁵. Não era comum, a escrita acadêmica, científica. A narrativa era a tipologia textual presente em todos os momentos das produções textuais dos alunos. Eis um motivo que dificultou bastante a intervenção através do CLC. Penso que principalmente para aspectos sociais das comunidades, os gêneros podem incorporar interesses e valores de um grupo social em particular e reforçar regras sociais e relações

⁵ Não foi possível apresentar os primeiros textos escritos uma vez que não se tinha a pretensão de usar os fragmentos dos RP como *corpus* desta pesquisa.

entre escritores e leitores. Nessa perspectiva, produções podem ter efeitos em relação à vida das pessoas, podem alterar conhecimentos, pensamentos, crenças, posicionamentos e atitudes. Assim, para termos os significados compreendidos, é preciso entendermos a relação entre os participantes do evento social de que o texto faz parte. É importante compreender a contextualização da produção dos textos.

No caso específico da escola campo, alguns textos tiveram sua motivação na atribuição de notas aos referidos alunos. Entendo que, por esta razão, alguns se preocupavam em apenas obter a tal nota, mesmo que para isso se valessem das cópias de outros textos a serem apresentados como texto final.

O relatório de onde foi retirado o excerto do Exemplo 2 passou por várias reescritas, uma vez que a turma possuía dificuldades em escrever gêneros de cunho científico. Foi permitido aos alunos retirarem informações de fontes seguras tais como livros, revistas e internet. Orientei sobre a questão da cópia sem referência, outra prática comum na turma. Os alunos estavam habituados a fazer somente cópia. Isso persistiu em alguns casos até a finalização dos trabalhos.

Ainda em relação ao Exemplo 2, os alunos discorreram sobre uma temática bastante discutida: a escolha da profissão. Para escrever, o aluno teve que pesquisar em revistas, ver vídeos no site do *YouTube*. Só após isso, entregaram a primeira versão. Neste texto, o aluno preferiu utilizar-se da primeira pessoa do plural, dando um caráter mais pessoal ao texto. O professor-orientador sugeriu expressões aos alunos (*salvo algumas exceções, nortear, parafraseado, visibilidade*), estes, por sua vez, acataram e colocaram no texto. Os alunos finalizam o excerto discorrendo sobre a necessidade de se pesquisar sobre a profissão que se quer seguir.

O Exemplo 3 foi produzido por uma dupla de alunos. Notei um maior rigor científico pelo teor do que foi escrito. Inquiri os alunos em relação à fonte de tantas informações. Eles me mostraram uma entrevista feita com o professor de capoeira de um deles.

Exemplo 3 Texto Original

A Capoeira é uma luta feita pelos escravos no início do Brasil. Boa parte dançando para os chefes e capitães não descobrirem, ela cresceu pelas senzalas querendo liberdade. (Posteriormente) Depois, foi feita nos quilombos, que era onde os negros dormiam de escondido que se libertaram. Depois do fim da escravidão, a mesma continuou em Salvador e RJ, sendo que era proibida a prática. Essa situação Getúlio Vargas resolveu. (Hoje) atualmente a Capoeira é cultura de Brasil e em mais de 150 países, a coisa que mais leva a (língua) português Brasileira. Se você faz a capoeira: dá tom pros músculos, controla seu peso. tem disciplina e controle próprio. não tem que ajudar e praticar e ajudar eles. deixa forte a respiração e o coração. tu se concentra e reflete. tu interage com gringos. você seca gordura treinando. (P) deixa os praticantes ter (proximidade) (proximidade) proximidade com o canto do Brasil. interação com o Berimbau. e os fereiros interagem e tomam seu tempo regado, pratica valores e doutrinas, que os (a) deixa longe do crime. Enfim a capoeira é a (dança) arte Brasileira que era proibida, mas hoje é protegida, é esporte, é cultura, ainda sabe por parte de pessoas que não sabe sua história.

Exemplo 3 Digitado

A Capoeira é uma luta criada pelos escravos no Brasil colonial. Muitas vezes disfarçada em dança para confundir os feitores e capitães do mato, ela cresceu dentro das senzalas alimentada pela ânsia de liberdade. Posteriormente, também se desenvolveu nos quilombos, que eram os grandes centros de resistência dos negros que haviam conseguido se libertar. Após a abolição da escravatura, a sua difusão continua pelas periferias das grandes cidades como Salvador e Rio de Janeiro, no entanto a sua prática era proibida pelo código penal na época, esta situação foi revertida no governo de Getúlio Vargas. Hoje em dia a Capoeira é Patrimônio cultural e imaterial da humanidade e é ensinada em mais de 150 países, sendo assim um dos maiores disseminadores da língua portuguesa no

| mundo. A prática da capoeira trazem benefícios como: Tonifica a musculatura. Ajuda no controle do peso. Trabalha a disciplina e o autocontrole. Trabalha a noção de companheirismo e trabalho em equipe. Fortalece os sistemas respiratório e cardiovascular. Aumenta a concentração e o reflexo. Promove a interação entre pessoas de nações e culturas diferentemente. Queima grande quantidade de calorias nos treinos. Permite ao praticante ter contato com a história do Brasil. Mantém o praticante em contato direto com a musicalidade. E um dos mais importantes benefícios da Capoeira é que ela é um grande instrumento de socialização e que permite ocupar o tempo ocioso dos jovens, ensina os valores e princípios e assim, os afastando do mundo do crime. Enfim, a Capoeira é uma arte genuinamente brasileira que já esteve no código penal como crime, mas hoje em dia é Patrimônio cultural e imaterial brasileiro, é esporte, é cultura, mas ainda sofre grande discriminação por parte das pessoas que não conhece o seu contexto histórico.

Mesmo que a entrevista enquanto gênero discursivo não seja o foco desta pesquisa, não poderia deixar de abordá-la, uma vez que os alunos utilizaram este gênero como “satélite” para suporte do “âncora” (RP). Em um dos momentos de aplicação do CLC, já na finalização, propus aos alunos a retextualização do gênero entrevista. De fato, não usei tal nomenclatura com os alunos, apenas solicitei que eles fizessem a entrevista em forma de relatório. O resultado está no Exemplo 3. Ficou coerente e claro apesar das muitas intervenções por parte do professor-orientador, exposição feita em que os alunos refletem sobre a historicidade da capoeira antes de abordar os benefícios.

Nesse sentido, é possível perceber o quanto o letramento científico significou enquanto prática social. Outro ponto relevante é a concepção do aluno em relação à capoeira, que pode ser percebida ao longo do texto. A sustentabilidade se arrola enquanto princípio para o letramento científico. A prática desta atividade esportiva traz inúmeros benefícios, por outro lado, requer o mínimo de gastos financeiros.

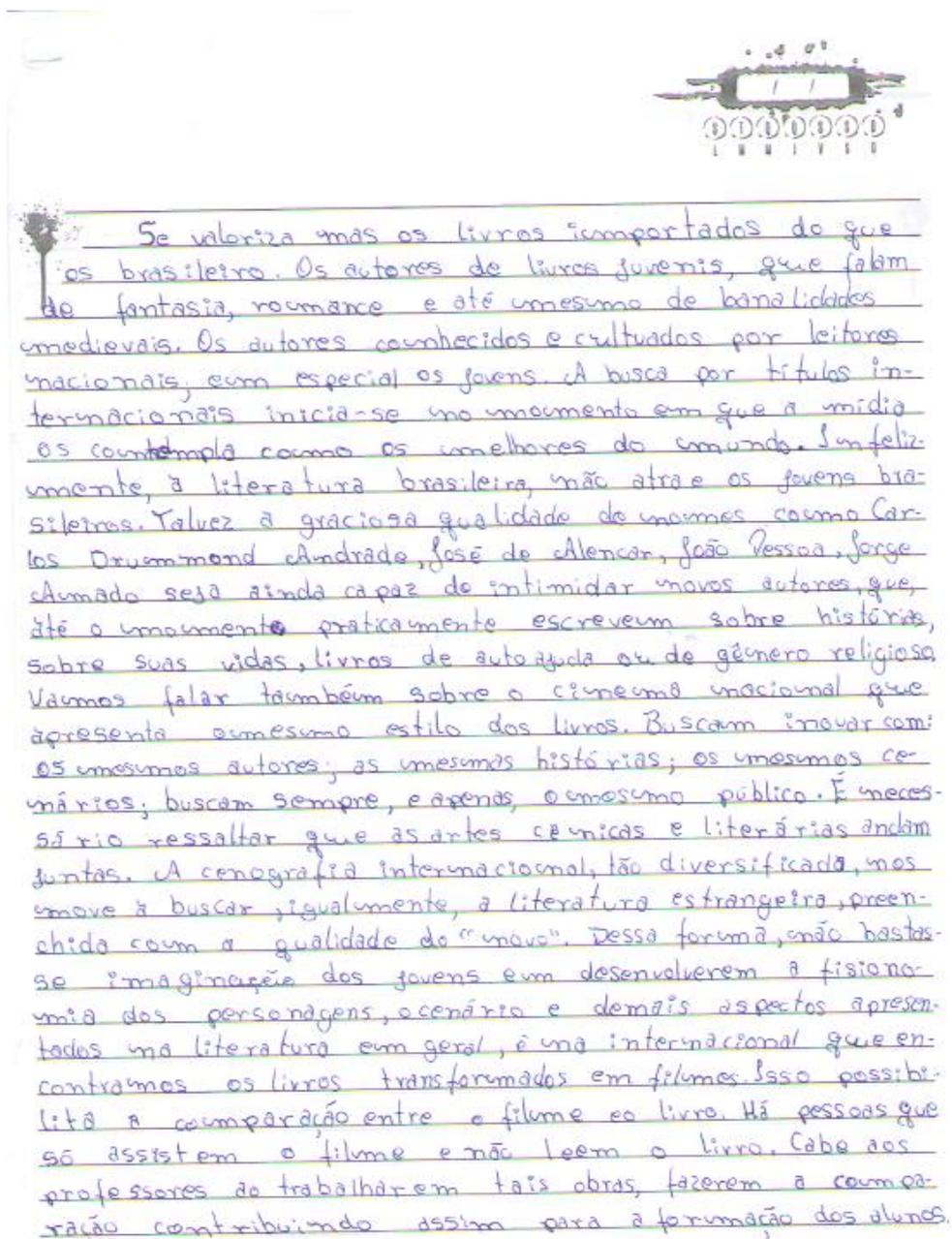
Ao tratar a capoeira como patrimônio imaterial, noto o enriquecimento cultural dos alunos que, para escrever, tiveram que ler sobre o assunto, entrevistar um profissional da área, conversar com colegas de capoeira. Todo este movimento traduz-se em letramento.

No Exemplo 4, é abordado um tema em que a turma está inserida: leitura de livros de literatura estrangeira. Nos últimos anos, houve um notável

crescimento na produção de tais literaturas em nosso país. Os adolescentes, são ávidos por tais livros (cf. MORAIS; SILVA, 2016). Um aluno se interessou em pesquisar sobre o tal fenômeno, buscando as causas e as consequências desta prática social.

Exemplo 4

Texto Original



Se valoriza mais os livros importados do que os brasileiros. Os autores de livros juvenis, que falam de fantasia, romance e até mesmo de banalidades medievais. Os autores conhecidos e cultuados por leitores nacionais, em especial os jovens. A busca por títulos internacionais inicia-se no momento em que a mídia os contempla como os melhores do mundo. Infelizmente, a literatura brasileira, não atrai os jovens brasileiros. Talvez a graciosa qualidade de nomes como Carlos Drummond de Andrade, José de Alencar, João Pessoa, Jorge Amado seja ainda capaz de intimidar novos autores, que, até o momento praticamente escrevem sobre histórias, sobre suas vidas, livros de autoajuda ou de gênero religioso. Vamos falar também sobre o cinema nacional que apresenta o mesmo estilo dos livros. Buscam inovar com os mesmos autores; as mesmas histórias; os mesmos cenários; buscam sempre, e apenas, o mesmo público. É necessário ressaltar que as artes cênicas e literárias andam juntas. A cenografia internacional, tão diversificada, nos move a buscar, igualmente, a literatura estrangeira, preenchida com a qualidade do "novo". Dessa forma, não bastasse a imaginação dos jovens em desenvolverem a fisionomia dos personagens, cenário e demais aspectos apresentados na literatura em geral, é uma internacional que encontramos os livros transformados em filmes. Isso possibilita a comparação entre o filme e o livro. Há pessoas que só assistem o filme e não leem o livro. Cabe aos professores ao trabalhar em tais obras, fazerem a comparação contribuindo assim para a formação dos alunos.

Exemplo 4 digitado

A distância e valorização dos importados John Green; George R.R. Martin; Stephenie Meyer; J.K. Rowling. Autores contemporâneos de livros juvenis, que envolvem a

fantasia, romance e até mesmo realidades medievais. Nomes internacionais, conhecidos e cultuados por leitores nacionais; em especial os jovens. A busca por títulos internacionais inicia-se no momento em que a mídia os contempla como “best-sellers” mundiais - expressões estrangeiras, quase sempre denotam um ar de superioridade. Em contrapartida, a literatura brasileira, midiaticamente mantém-se inerte. Talvez a graciosa qualidade de nomes como Carlos Drummond Andrade, José de Alencar, João Pessoa, Jorge Amado seja ainda capaz de intimidar novos autores, que, até o momento praticamente dissertam apenas biografias, livros de autoajuda ou de gênero religioso com a graciosidade da literatura. Doutra prisma abre-se aqui uma aspa referente ao cinema nacional que apresenta o mesmo caráter. Buscam inovar com: os mesmos autores; as mesmas histórias; os mesmos cenários (Rio de Janeiro/São Paulo); buscam sempre, e apenas, o mesmo público. Neste interim, é necessário ressaltar que as artes cênicas e literárias andam em conjunto. A cenografia internacional, tão diversificada, nos move a buscar, igualmente, a literatura estrangeira, preenchida com a qualidade do “novo”. Ademais, não bastasse imaginação do jovem em desenvolver a fisionomia dos personagens, o cenário e demais aspectos apresentados na literatura em geral, é na internacional que este encontra, por exemplo, a chance de ver a obra transformada na arte cênica (momento em que inegavelmente) articulará sua mente nas comparações entre livro/série/filme.

O Exemplo 4 reproduz o pensamento de boa parte dos adolescentes apaixonados por este tipo de literatura. É mais fácil conseguir adesão ao ato de ler a partir da proposição de livros de autores consagrados internacionalmente, no mundo juvenil como John Green, George R.R. Martin; Stephenie Meyer; J.K. Rowling, dentre outros, a sugerir Carlos Drummond de Andrade, Machado de Assis, José de Alencar, Graciliano Ramos, dentre outros. No entanto, defendo a necessidade de inserção dos cânones da Literatura Brasileira nas aulas de leitura do ensino fundamental. Para isso, é necessário inovação e tecnologia para atrair este público nada fácil de convencer.

Os articuladores textuais (*Nesse interim*, *Em contrapartida*, *Doutro prima*, *ademais*) foram corretamente mobilizados pelos alunos. Como dito anteriormente, este foi um dos mais trabalhosos itens na formação da linguagem científica. Reitero ainda que nem toda a turma alcançou tal nível de letramento. Problemas extralinguísticos tais como ausência às aulas e não registro das atividades fizeram com que alguns alunos não chegassem ao nível esperado.

Ainda sobre os articuladores, enquanto que *Nesse interim* e *ademais* transmitem a ideia de adição, soma ou acréscimo, os articuladores *Em contrapartida*, *Doutro prisma* levam a ideia semântica de oposição e

contrariedade. São estes termos que estruturam o texto no campo da coesão textual, fator fundamental para entendimento do RP. Logo, o RP parece ser desenvolvido por meio da relação ideológica de causa e consequência, típica de textos de natureza dissertativa, o que contribui para o caráter reflexivo do relatório.

Na próxima seção deste capítulo, focarei o segundo momento de intervenção que trata dos textos desenvolvidos com a orientação da professora-colaboradora desta pesquisa.

3.2 Análise dos resultados no segundo momento da pesquisa

O Exemplo 5 ilustra um tema muito recorrente em Feiras de Ciências em diferentes lugares e níveis do ensino básico. No entanto, o assunto repetitivo pode se tornar inovador dependendo da abordagem dada. O tema pesquisado foi: Quais as drogas mais comuns na escola? A meu ver, esta pergunta foi pouco discutida nas escolas ou instituições de manutenção das escolas, as Secretarias de Educação. É comum se falar de drogas no geral, em alguns casos, abordam-se tipos de drogas desconhecidas pela comunidade escolar, perdendo o efeito ou objetivo de pesquisa, a relevância pedagógica, a relevância social, a aplicabilidade, princípios de letramento científico. Isso se torna um pressuposto que permeia toda a construção dos enunciados, considerando o bom desempenho linguístico e retórico do aluno produtor do enunciado.

Exemplo 5

Texto original

Educação e esporte: Sinônimo de parceria. Alcool, fumo, aspirinas, antibióticos, cafeína, maconha, cocaína e outros tipos de drogas são classificadas quanto ao seu uso e seu efeito no organismo. As drogas são problemas sociais que estão até mesmo ~~dentro~~ no espaço do esporte. A OMS (Organização Mundial da Saúde) diz que droga é qualquer substância que entrando em contato com o corpo promove qualquer tipo de interferência. No entanto, o número de consumo de drogas ilícitas no mundo gira em índices assustadores entre pessoas que pediam estar trabalhando. É importante ressaltar que não existe uma solução simples. A medicina mostra consequências graves e o consumo de substâncias proibidas interfere na saúde mental e física dos indivíduos.

Cinda pior é o mercado de tráfico que o consumo de drogas movimentam, isso faz com que aumente a criminalidade e violência social. Dentro do esporte o uso de doping é comum e consequências desastrosas de renúncia, punição de atletas e escândalos de carreira, confundem o que deveria ser uma forma de tirar jovens da criminalidade e ilegalidade. Mesmo com tantos escândalos, o esporte e a educação tornam-se e são



parceiros, contribuindo como o meio de "fuga", sendo elementos para atrair, conscientizar, distanciar os indivíduos, possibilitando o desenvolvimento das várias habilidades do ser humano, permitindo meios para uma vida plena. Sabemos que as drogas funcionam como fuga da realidade e convencem com mais facilidade jovens na fase da adolescência.

Portanto os jovens precisam de uma sociedade que preencha o vazio, com um investimento em educação, esporte, projetos e recursos que assegure e possibilite as necessidades mentais e físicas. Mesmo que não haja "remédio" para o fim da prática ilícita, é necessário a existência de atividades nas praças adaptadas para a saúde da sociedade com efeitos eficazes, assim como um plano de educação e esporte que "conquiste" e integre a sociedade.

Exemplo 5 Digitado

Educação e esporte: Sinônimo de parceria. Álcool, fumo, aspirinas, antibióticos, cafeína, maconha, cocaína e outros tipos de drogas são classificadas quanto ao seu uso e função no organismo. As drogas são problemas sociais que adentram até mesmo o espaço do esporte. Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde) droga é qualquer substância que entrando em contato com o corpo promove qualquer tipo de interferência. No entanto, o número de consumo de drogas ilícitas no mundo gira em índices assustadores entre pessoas em idade produtiva. É importante ressaltar que não existe uma solução simples. As evidências médicas apontam para consequências graves e o consumo de substâncias proibidas interfere na saúde mental e física dos indivíduos.

Ainda pior é o mercado de narcóticos que o consumo de drogas movimenta, gerando criminalidade e violência social. Dentro do esporte os flagrantes de doping e as consequências irremediáveis de censura, punição de atletas e escândalos de carreira, confunde o que deveria ser uma forma de tirar jovens da criminalidade e ilegalidade. Mesmo com tantos escândalos, o esporte e a educação tornam-se e são parceiros, contribuindo como o meio de obter uma "fuga", sendo elementos para atrair, conscientizar, distanciar os indivíduos, possibilitando o desenvolvimento das várias habilidades do ser humano, permitindo meios para uma vida plena. Sabe-se que as drogas funcionam como fuga da realidade e convencem com mais facilidade jovens na fase da adolescência.

Portanto os jovens precisam de uma sociedade que preencha suas necessidades, com um investimento em educação, esporte, projetos e recursos que assegure e possibilite as necessidades mentais e físicas. Embora não haja "remédio" para o fim da prática ilícita, é necessário a existência de políticas públicas voltadas para a saúde da sociedade com efeitos eficazes, assim como um plano de educação que em sintonia com o esporte "conquiste" e integre a sociedade.

O Exemplo 5 é o excerto do RP em que um aluno produz a parte inicial do relatório. Reporto-me ao fato de que os alunos apenas produziam textos narrativos ou poéticos. Ao ler a produção feita pelo aluno, pude perceber cópias de fragmentos da Internet. Neste segundo momento de intervenção, tentei orientar a professora-participante, no sentido de que mostrar aos alunos a questão de plágio. A professora-participante não gostou da observação. Afirmou que não havia nada demais em deixar os alunos copiarem no corpo do RP. De forma sutil, conversei com a professora sobre a necessidade de informar a fonte quando nos apossamos do texto ou informação de outro. A professora-participante não ficou convencida em relação ao procedimento, o que pode ser justificado por alguma lacuna deixada pela formação inicial da profissional.

Após sugestão de reescrita, o texto assumiu um caráter mais formal e científico, cumprindo, assim, seu papel social. Uma das questões levantadas no excerto foi a relevância social e pedagógica das feiras científicas assim como a aplicabilidade e sustentabilidade.

O Exemplo 6 trata de mais um tema em que o aluno está diretamente ligado. De forma geral, a biblioteca é mal utilizada na escola, em algumas situações, os livros e outros materiais permanecem guardados. Não podem ser utilizados pelos alunos, não há projetos de leitura permanente. Somente por ocasião do dia da poesia ou dia do livro se faz alusão à biblioteca, visitas é algo surreal.

Exemplo 6
Exemplo Original

Hoje é mais fácil ler livros já que está mais fácil mexer na internet, com os livros digitais, os jovens mexem mais na internet do que em livros mesmo. Mesmo que seja mais prático ler pela internet, não dá de todo, nada dá lugar ao bom e velho livro em mãos, sentindo o cheiro e sentindo as páginas. Antigamente, antes de chegar a internet tinha bem mais livrarias e bibliotecas em Itz. Quem não lembra dos locais do conhecimento, bibliotecas mantidas pelo Estado do Maranhão? Eram lugares legais para se achar livros, e eram bem usados por estudantes e alunos de escolas p.v. e pública do município. Hoje, nos últimos tempos, esses lugares tem sumido, junto com o interesse dos jovens em ler. É difícil achar livros que não conhecemos grandes autores brasileiros e de fora do Brasil. Através de um pedido do MFL, o estado se não tiver condições, passa pra escola mesmo a responsabilidade de se manter moderna e atualizada. As bibliotecas dentro das escolas tem que ter o papel de ir contra o analfabetismo por termos um futuro, com adultos que façam uma sociedade livre e legal, como também, desenvolver e garantir menos pobres e excluídos, que inclusive está na constituição Brasileira.

Exemplo 6 Digitado

Devido ao acervo de livros digitais na internet e da facilidade de seus acessos, os jovens tem preferido cada vez mais as bibliotecas virtuais às bibliotecas físicas disponibilizadas nas sedes de suas escolas. Apesar de existir essa facilidade de acesso em qualquer lugar, oferecido pela rede mundial de computadores, nada poderá substituir o prazer de se ler um livro físico, sentir o seu cheiro e textura de suas folhas. É preciso lembrar que nos anos de 80 e 90, décadas que antecederam o apogeu da internet, havia muitas bibliotecas públicas em Imperatriz. Quem não se recorda dos faróis do conhecimento, bibliotecas mantidas pelo governo do Maranhão nas principais cidades do estado? Eram verdadeiros centros de pesquisa pelos estudantes das escolas públicas e privadas do município. Infelizmente, nesta última década do novo milênio, vivenciamos o desaparecimento desses locais destinados para a pesquisa e que por incrível que pareça, também acompanhamos um declínio da cultura intelectual dentre os jovens. Encontramos garotos e garotas que não conhecem os grandes autores da literatura brasileira ou internacional. Através de uma exigência do Ministério da Educação e de leis federais, o estado, não tendo mais condições de investimentos em bibliotecas públicas de qualidade, transferiu a responsabilidade para as escolas em manter dentro de seus centros, bibliotecas modernas e atualizadas. As bibliotecas dentro das escolas tem *(sic) que ser um movimento mantido com o objetivo de fornecer uma experiência capaz de combater o analfabetismo intelectual entre juvenis e jovens para que possamos no futuro, ter adultos que possam construir uma sociedade livre, justa e solidária, como também proporcionar o desenvolvimento nacional e garantir a diminuição da pobreza e marginalização, princípios constitucionais de nossa sociedade brasileira.

Os marcadores textuais foram distribuídos de forma adequada no texto, vale mencionar que a primeira escrita do texto caracterizou-se por contradições na escrita. Após releituras e indicações de textos como suportes para a produção escrita, chegou-se a esta estrutura textual apresentada. Há ainda, uma citação que chamou a atenção: “Encontramos garotos e garotas que não conhecem os grandes autores da literatura brasileira ou internacional”. Este trecho contradiz o fato de hoje os alunos da atualidade conhecerem mais autores estrangeiros que brasileiros.

Como dito no Exemplo 6, as bibliotecas eram mais procuradas antes do advento da internet. Talvez, futuramente as bibliotecas da educação básica irão se transformar em “museus”. São pouco visitadas, talvez porque não haja políticas de revitalização das bibliotecas, de modo a tornar o ambiente mais atrativo. A questão é que não há interesse por parte dos alunos em visitarem a biblioteca.

Durante muito tempo, o estereótipo do ensino de inglês reproduzia a seguinte crença o aluno entra e sai da escola sem saber inglês. Talvez o aluno

nem saiba a relevância de estudar inglês. A partir do momento em que o aluno fica conhecendo a utilidade da língua inglesa, bem como o uso da criatividade em sala de aula. A disciplina ganhará destaque no ensino fundamental. O Exemplo 7 focaliza a importância e valorização da referida língua em sala de aula, postura problematizada pelo aluno de maneira mais evidente após a intervenção pedagógica da feira de ciências, tal como ocorre em outros fragmentos.

Exemplo 7 Texto Original

Você já parou para pensar na influência que a portuguesa do inglês tem no mundo hoje? no meio das empresas dos outros países que vem prometendo como a Ford, a Coca-Cola, a Kellogg, a Microsoft, a Google, e várias outras sendo por meio das músicas dos estrangeiros (que por sinal quando falam delas já pensam que todas falam em inglês), filmes (a maioria realmente é) propaganda e frases massa. Por falar no carro fazem de inglês uma língua que todo mundo sabe porque ela não fica somente em países que ela é nativa. Há um tempo atrás o país mais poderoso era a Grã-Bretanha até que o Estados Unidos ficou mais rico e PAH! acabou com a supremacia política dos britânicos que os americanos manja no mundo todo. Mas é porque eles ostentam a riqueza deles mesmo. Tem um livro que se chama "A revolução da linguagem" da Carolina que se chama Galá David Crystal (o tipo ele fala de umas paradas toda vez pro finalzinho (o que todo mundo sabe) que o inglês é a língua mais falada. Ele tem um monte de gente da medicina que está em inglês dizendo o povo que trabalha contando isso são 400 milhões de indivíduos que fala ~~sem~~ fala que lá tem as melhores faculdades do planeta lá (pô mundo!!! Que que isso gente).

Exemplo 7 Digitado

Você já parou para pensar na influência que a língua inglesa exerce no mundo atualmente? Seja por meio das empresas multinacionais como a Ford, a Coca-Cola, a Kellogg, a Microsoft, a Google, entre muitas outras, sejam por meio das músicas internacionais (por sinal, quando se fala de música internacional, as pessoas já associam que esta música é cantada em língua inglesa), filmes (cerca de 80 % dos filmes lançados no cinema atualmente são falados em inglês), propagandas e frases de efeito e muitos outros veículos importantes que serão citados durante este artigo, fazem do inglês uma língua global porque a sua importância não se restringe apenas aos países que têm este idioma como língua nativa, mas sua influência já atingiu o status de língua oficial para importantes conferências, fóruns ou mesmo negociações de caráter internacional. Até o final do século XIX, a nação mais poderosa do planeta era a Grã-Bretanha, posto este sustentado por muitos anos, até que os Estados

Unidos (país que foi colonizado pela Grã-Bretanha) passou a ter a supremacia política, econômica, cultural e militar do planeta e muitos até chegaram a dizer que este país atua como um império, assim como o Império Romano. De fato, trazendo esta realidade para o aspecto linguístico, pode-se afirmar, sem sombra de dúvidas, que os Estados Unidos se comporta como um império, devido a grande força que a sua língua exerce sobre as outras nações assim como o latim, que era a língua falada pelos romanos. No livro “A Revolução da Linguagem”, o linguista galês David Crystal afirma que a língua inglesa é falada hoje como primeira língua (língua oficial) por 400 milhões de pessoas. Já aqueles que utilizam a língua inglesa como segunda língua e também àqueles que a utilizam como língua estrangeira são cerca de 1 bilhão de pessoas. Logo, o número de pessoas que utiliza a língua inglesa hoje é de 1 bilhão e 400 milhões de pessoas (em números arredondados significa um quarto da população mundial). Se não bastasse isso, a influência do inglês é intensa em áreas como a educação (as duas maiores universidades do mundo são, respectivamente, Harvard e Oxford, uma americana e uma britânica, isso sem contar muitas outras universidades de grande renome como Princeton, Cambridge, John Hopkins, cujas pesquisas e trabalhos são divulgados em língua inglesa.

Com o cunho de contextualização histórica, o Exemplo 7 teve participação da professora de Inglês da escola campo, assim os alunos garantiram o pensamento de uma profissional da área. Assim, com o fito de expor ao público informações que são concernentes ao conhecimento geral do assunto, os alunos discorreram na introdução sobre a importância do inglês de forma geral. Ao longo do trabalho, os alunos elencaram que os seriados têm conseguido fazer com que o inglês se popularizasse entre os adolescentes. O fato é que o inglês possui grande relevância no meio econômico e cultural mundial. Ainda assim, o ensino de inglês não tem a expressividade que deveria ter. Os alunos não dão tanta importância aos ensinamentos da língua.

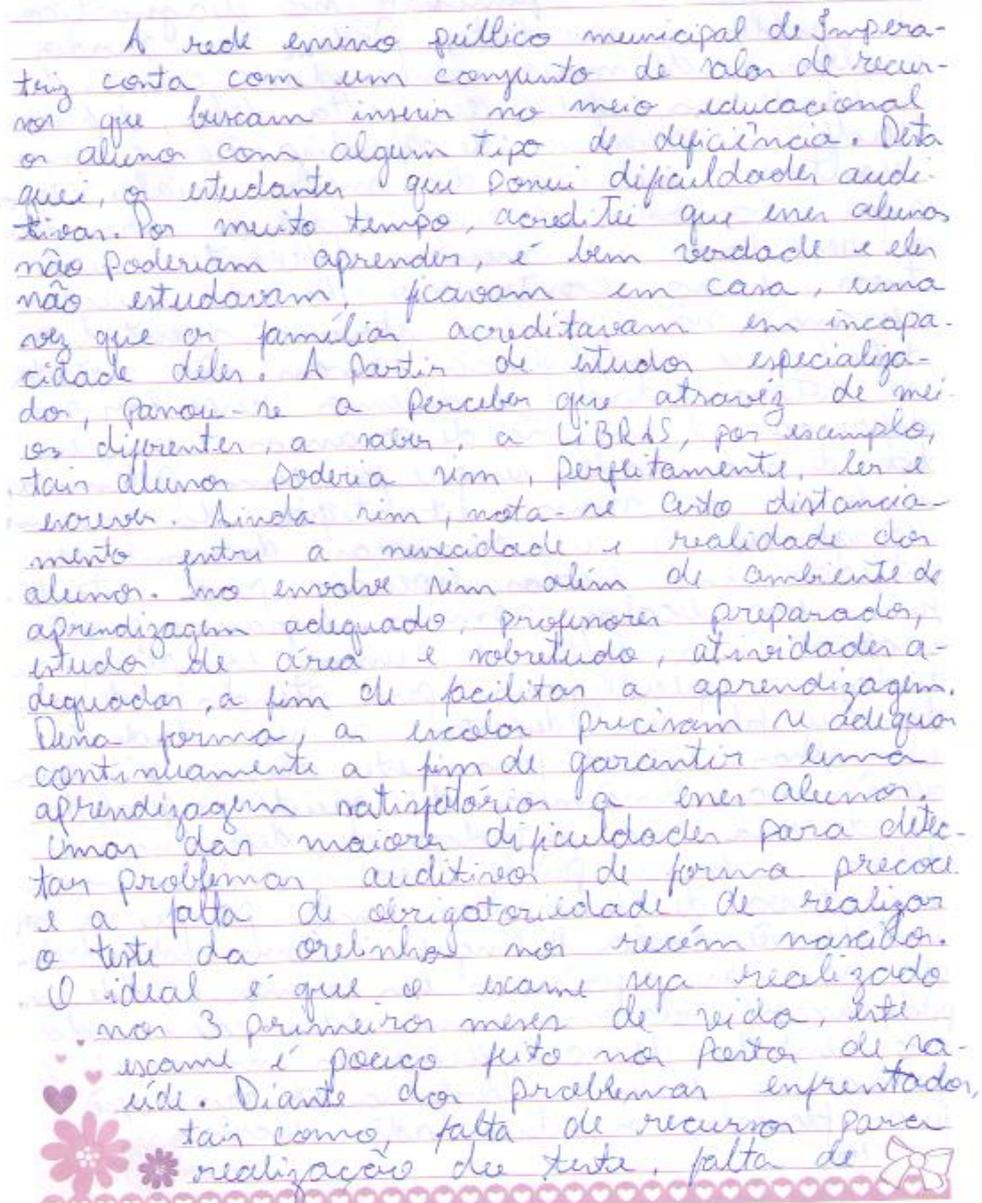
O Exemplo 7 aponta para a relevância do inglês na escola, alude ainda ao fato dos EUA serem uma potência mundial nos aspectos econômicos, cultural e militar. Este fato eleva o prestígio da Língua Inglesa. Um dos fatores que elevam o prestígio dos EUA, certamente é a disseminação do inglês pelo mundo. Este envolvimento com a língua inicia na escola.

O Exemplo 8 corresponde a um RP apresentado na FEBRACE, na USP, em março de 2014. É preciso reiterar ainda que este projeto recebeu o prêmio de Relevância Social, quando apresentado em uma feira regional ocorrida na cidade de Imperatriz, no Estado do Maranhão (Mostra Regional de Ciências e

Engenharia – MOSTRARCE). O tema *Problemas auditivos em escolares da rede pública e sua relação com a inclusão social* passou por várias fases de adequação até chegar ao nível de participar da FEBRACE na USP. O RP foi apresentado na Feira de Ciência e Tecnologia (FECITEC), também ocorrida na cidade de Imperatriz (MA), esteve em exposição na AMOCITINS, feira realizada pela escola campo.

Exemplo 8

Texto original



A rede ensino público municipal de Imperatriz conta com um conjunto de salas de recursos que buscam inserir no meio educacional os alunos com algum tipo de deficiência. Dentre eles, os estudantes que possuem dificuldades auditivas. Por muito tempo, acreditei que esses alunos não poderiam aprender, e bem verdade e eles não estudavam, ficavam em casa, uma vez que os familiares acreditavam em incapacidade deles. A partir de estudos especializados, passou-se a perceber que através de meios diferentes, a saber, a LIBRAS, por exemplo, tais alunos poderiam sim, perfeitamente, ler e escrever. Ainda sim, nota-se certo distanciamento entre a necessidade e realidade dos alunos. Isso envolve sim além de ambiente de aprendizagem adequado, professores preparados, estudo de área e seriedade, atividades adequadas, a fim de facilitar a aprendizagem. Dessa forma, as escolas precisam se adequar continuamente a fim de garantir uma aprendizagem satisfatória a esses alunos. Uma das maiores dificuldades para detectar problemas auditivos de forma precoce é a falta de obrigatoriedade de realizar o teste da orelhinha nos recém nascidos. O ideal é que o exame seja realizado nos 3 primeiros meses de vida, este exame é pouco feito nos postos de saúde. Diante dos problemas enfrentados, tais como, falta de recursos para realização do teste, falta de



reconhecimento familiar no diagnóstico de problemas de teste, podem ser gerados problemas de maior intensidade como: dificuldade na fala, ou falta dela, dificuldade no processo de alfabetização e como resultado exclusão do meio social. O tema aqui abordado é um meio de apresentar a realidade de muitos deficientes auditivos e ao contrário do que muitos pensam, não possuem atraso mental ou déficit de inteligência assim não dotada de potencialidade e devemos respeitar suas diferenças. A inclusão de crianças com esse tipo de necessidade, sempre foi uma polêmica, embora a nova estratégia do governo federal seja de as crianças deixarem de estudar em escolas especiais para estudarem em escolas comuns. A grande problemática é a falta de uma equipe capacitada e especializada para atender a demanda. Esse fato vem despertar a necessidade de um olhar especial para estes alunos, em uma visão mais dinâmica de saúde e qualidade de vida para portadores de deficiência auditiva, e foi a partir disso, que tivemos a iniciativa de desenvolver uma pesquisa na instituição Escola Bilingue e Governador Irineu que não as referências em nossa cidade pois poderíamos colaborar com estes educandos no sentido de confeccionar material pedagógico e uma cartilha de orientação para facilitar a atividade escolar.

Res.

Exemplo 8

A rede ensino público municipal de Imperatriz conta com um conjunto de salas de recursos que visam inserir no contexto educacional os alunos com algum tipo de deficiência. Destaca-se aqui, os estudantes que possuem dificuldades auditivas. Por muito tempo, acreditava-se que esses alunos não poderiam aprender, é bem verdade que estes não estudavam, ficavam em casa, uma vez que as famílias acreditavam em incapacidade dos educandos. A partir de estudos especializados, passou-se a perceber

que através de meios diferentes, a saber, a LIBRAS, por exemplo, tais alunos poderia sim, perfeitamente, ler e escrever. Ainda assim, nota-se certo distanciamento entre a necessidade e o que ofertado a estes discentes. Isso envolve além de ambiente de aprendizagem adequado, professores especializados, estudos de área e sobretudo, atividades lúdicas adequadas, a fim de facilitar a aprendizagem. Dessa forma, as escolas precisam se adequar continuamente a fim de garantir uma aprendizagem satisfatória a estes alunos. Uma das maiores dificuldades para detectar problemas auditivos de forma precoce e a falta de obrigatoriedade de realizar o teste da orelhinha nos recém-nascidos. O ideal é que o exame seja realizado nos 3 primeiros meses de vida, nota-se pela literatura médica que este exame é pouco procurado pelas mães. Percebe-se que a lei nº 12.522, não é cumprida, (anexo 1) que obriga a realização do teste. Diante dos problemas enfrentados, tais como, falta de recursos para realização do teste, falta de conhecimento familiar na detecção precoce de anormalidades auditivas, podem ser gerados problemas de maior intensidade como: dificuldade na fala, ou falta dela, dificuldade no processo de alfabetização e como consequência exclusão social. O tema aqui abordado é um meio de apresentar a realidade de muitos deficientes auditivos e ao contrário do que muitos pensam, não possuem atraso mental ou déficit de inteligência amais são dotados de potencialidade e devemos respeitar suas diferenças. A inclusão de crianças com esse tipo de necessidade, sempre foi uma polêmica, embora a nova estratégia do governo federal seja de as crianças deixem de estudar em escolas especiais para estudarem em escolas comuns. A grande problemática é a falta de uma equipe capacitada e especializada para atender a demanda. Esse fato vem despertar a necessidade de um olhar especial para estes alunos, em uma versão mais dinâmica de saúde e qualidade de vida para portadores de deficiência auditiva, e foi partindo desse pressuposto que tomamos a iniciativa de desenvolver uma pesquisa nas instituições Escola Bilíngue e Governador Archer que são referências em nossa cidade, assim poderíamos colaborar com estes educandos no sentido de confeccionar material pedagógico e uma cartilha de orientação para facilitar as atividades escolares.

O trabalho da professora-participante foi uma continuidade do trabalho do professor pesquisador, a mesma linha de trabalho foi seguida. Após a análise dos dados gerados para esta pesquisa, posso perceber que a proposta do CLC pode configurar como uma estratégia pedagógica produtiva. Está claro que o letramento científico é uma necessidade do currículo escolar, por esta razão assumo a fala de Santos (2007, p. 485) quando afirma que assim ocorrerá uma “ressignificação dos saberes científicos escolares que estão sendo abordados de forma descontextualizada, com uma linguagem hermética, reproduzindo uma falsa imagem de ciência”.

Após a análise dos dados nas duas intervenções, é importante o uso da triangulação dos dados para compreender o percurso pedagógico adotado na turma investigada. Conforme proposta de (FLIK 2009 p. 32) quando afirma a

necessidade de utilização de vários métodos qualitativos, um deles é a triangulação que se apropria de vários métodos e concede a eles a mesma relevância.

A prática dos gêneros discursivos, tidos como “satélites” (resumo, diário de bordo e pôster científico) aponta outros dados que servem de sustentação para o gênero âncora RP. O resumo é o gênero textual que mostra a ideia central do RP, a prática recorrente na escola em relação ao resumo é o recorte do texto. O aluno retira vários fragmentos do texto original e monta o “resumo”, tivemos momentos de produção de resumo, ler o original e extrair a ideia.

O gênero diário de bordo, alguns chamam de diário de campo, permite ao aluno escrever de forma mais livre, dispensando tanto formalismo, já que neste diário de pesquisa, ocorre o relato dos fatos tais como eles aconteceram. É fundamental que o aluno produza o diário de bordo, pois ele será o norte para a produção do relatório. É quase impossível RP sem diário de bordo. Em razão do extravio de dados, não será possível o confronto entre os textos escritos e reescritos, bem como a amostragem dos diários de bordo. É importante lembrar que, inicialmente, esses dados não foram gerados com a intenção de servirem de *corpus* para esta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ProfLetras, através das intervenções pedagógicas, tem sido uma ferramenta fundamental para a melhoria da qualidade da educação básica no Brasil. Por esta razão, para a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), é prioritário formar professores por excelência.

Os resultados negativos dos níveis educacionais são visíveis. Logo, os desafios de melhorar a qualidade são urgentes. Em minha pesquisa, procurei atender a esta necessidade, ainda que num momento inicial desconhecesse sobre o letramento científico. No meu caso, atendendo a segunda maior cidade do Estado do Maranhão, Imperatriz, tentei contribuir ao longo desta investigação com os avanços do Ensino Fundamental II da escola focalizada.

Nesta pesquisa, procurei focalizar as intervenções feitas com alunos, a partir da abordagem do que, mais recentemente, posso denominar de letramento científico, uma vez que esta prática não era comum na escola campo, menos ainda na turma de minha atuação. No momento em que tento romper com práticas tradicionais de ensino de Língua Portuguesa, pautadas em mera repetição de conteúdo, sem nenhuma reflexão, procuro assumir um abordagem interdisciplinar.

A resposta da pergunta geral desta investigação – *Em que medida a abordagem do letramento científico pode contribuir para a prática de escrita de alunos do Ensino Fundamental II?* – está dissolvida no decorrer de todo o trabalho, uma vez que procurei articular o letramento científico a letramentos de outras instâncias, bem como no momento em que considero o RP como “gênero âncora”, por significar situações específicas de uma feira de ciências desenvolvidas pelos atores da pesquisa ora delineada em uma escola campo. Essa atividade de cunho pedagógico é também de caráter científico, dada sua importância no desenvolvimento da noção de letramento científico a partir do contato interdisciplinar de saberes oriundos de diferentes disciplinas da educação básica. O aluno da escola básica tem a oportunidade de detectar a função social do que a escola lhe oferece em seu contexto real de vida.

Isso se torna mais claro no segundo momento da geração dos dados, uma vez que os alunos se preocupam e questionam aquilo que não está dentro

da norma científica. A EMT não mais realizou feira ditas “científicas”, mas que, na verdade eram artesanais, pois a maior preocupação era com o embelezamento da feira. A preocupação era apenas com a estética da feira, não com os passos metodológicos de pesquisa nem com o produto final mais sustentável, baseadas nos princípios para o letramento científico.

O fazer científico dos alunos e professores a partir da I AMOCITINS rompeu com as práticas tradicionais e comuns nas feiras de ciências. Os caminhos foram apontados, no entanto, faz-se necessário perceber o que foi feito para poder avançar em relação ao letramento científico.

A resposta da primeira pergunta específica – *Quais são as contribuições dos estudos do letramento no ensino fundamental, tomando como base mais diretamente a abordagem do letramento científico a partir de intervenções didático-pedagógicas de uma feira de ciências?* – foi respondida no terceiro capítulo desta dissertação, a saber como o aluno da educação básica se posicionou, em seu RP, em relação ao que se espera do referido gênero discursivo.

São perceptíveis grandes evoluções nos textos escritos, o que parece algo positivo. Por meio de reescritas, os alunos da escola básica tiveram a possibilidade de aperfeiçoar a prática desta modalidade da língua. Para isso, analisei a maneira como os elementos linguísticos estavam dispostos no texto, de maneira a causar diferentes efeitos de sentidos. Tomo isso como algo positivo, uma vez que o aluno se serve do conhecimento linguístico do gênero para estabelecer uma relação de causa e efeito responsável por permear toda a escrita dos RP.

O aluno desenvolveu a prática de argumentação e contra argumentação. Pelo fato do RP ser um gênero predominantemente reflexivo, o jogo de argumentações bem concatenadas valoriza o conhecimento de mundo do aluno que se posiciona no texto.

A resposta da segunda pergunta específica – *Quais são as contribuições do trabalho pedagógico orientado por gêneros discursivos para o desenvolvimento do letramento científico dos alunos do oitavo ano?* –, que, de alguma forma, complementa a primeira pergunta específica foi também respondida no terceiro capítulo ao considerar as contribuições que esta pesquisa

pode trazer para o contexto de investigação acadêmica. O que mostrei, e analisei, no último capítulo dessa dissertação foram fragmentos de PR que, a meu ver, sintetizam questões que não se esgotam na esfera puramente linguística, o que cobra do aluno conhecimentos de outras ciências do saber humano, ou mesmo seus saberes empíricos. Tomo essa premissa como diagnosticadora de um trabalho pedagógico galgado na reflexão e análise de vários gêneros discursivos que contribuíram para a produção dos RP. Logo, os alunos foram incentivados por uma prática pedagógica que não se esgotou numa simples ornamentação de um local onde haveria a culminância de um trabalho. Tais alunos foram motivados por uma prática pedagógica convidativa, que problematizava os temas abordados durante as aulas, de maneira a buscar respostas em outros componentes curriculares, para responder as suas inquietudes de maneira satisfatória. Portanto, o letramento científico torna-se uma prática social orientadora de uma visão mais científica, no sentido de que as respostas podem ser muitas sobre o mesmo objeto de pesquisa, desde que seja possível comprovar com recursos mais concretos.

Certamente, muitas lacunas e vazios ainda ficaram na I AMOCITINS, seguramente pelo fato de que no momento inicial de idealização e execução, a consciência e o conhecimento científico se mostravam ainda bastante frágeis em minha prática. Hoje, certamente, teria um novo olhar sobre este evento científico, assumo as deficiências enquanto pesquisador no momento de idealização e execução da Feira de Ciências.

Em síntese, espero que esta investigação possa contribuir com os estudos ainda iniciais sobre o letramento científico no âmbito da Linguística Aplicada, não se restringindo apenas aos estudiosos da linguagem, mas também a pesquisadores de outras áreas. Isso, por sua vez, reitera minha postura interdisciplinar, uma vez que estendo a definição de letramento científico a todas as áreas do conhecimento humano, tendo em vista que assumi, nesta pesquisa, uma postura condizente com o paradigma da complexidade.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS, Disponível em: <http://www.abc.org.br/rubrique.php3?idrubrique=1&recalcul=oui> . Acesso em 27 de julho de 2016.
- BARTON, D; HAMILTON, M. **Local Literacies: Reading and writing in one community.** London and New York, 1998.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU.** São Paulo: Scipione, 1998.
- CELLARD, A. A Análise Documental. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P; GROULX, L. H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. P. **A Pesquisa Qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHASSOT, A. **Alfabetização Científica: questões e desafios para a educação.** 7ª. ed. Ijuí: Unijuí, 2016.
- CITELLI, B. **Produção e Leitura de Textos no Ensino Fundamental: Poema, Narração e Argumentação.** São Paulo: Cortez, 2003.
- DEMO, P. **Educação e Alfabetização Científica.** Campinas: Papirus, 2010.
- DICIONÁRIO ON LINE. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/> . Acesso em 29 de julho de 2016.
- FEBRACE. O que é a febrace. Disponível em: <http://febrace.org.br/o-que-e-a-febrace/#.WDGbH7lrKM8>. Acesso em: 30 de agosto de 2016.
- FERNANDES, Elizangela da R. **Letramento científico no ensino básico público no município de Palmas – Tocantins.** 2016. 106f. Dissertação (Mestrado em Letras: Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2016.
- FLICK. U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução Joice Elias Costa. 3ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FRASCATI, Manual de. **Metodologia Proposta para definição da pesquisa e desenvolvimento experimental.** 1 ed. São Paulo: F-INICIATIVAS P+D+I, 2013.
- GNERRE, M. **Linguagem, Escrita e Poder.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

HARGREAVES, A.; FINK, D. **Liderança Sustentável: Desenvolvendo Gestores da Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KATO, M. A. **No Mundo da Escrita: Uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

KLEIMAN, A. B. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 1-25, dez. 2007.

KLEIMAN, A. B. Letramento na Contemporaneidade. **Bakhtiniana**, São Paulo, Nº 9, v. 2, p. 72-91, Ago./Dez. 2014.

KLEIMAN – Os estudos de letramento e a formação (Orgs.). **Letramentos múltiplos: práticas, instrumentos e representações**. Natal: Editora de UFRN, 2008a.

KLEIMAN, A. B. Os Estudos De Letramento E A Formação Do Professor De Língua Materna. **Linguagem em (dis)curso – Lemd**, [s.l.], v. 8, n. 3, p.487-517, set./dez. 2008b.

KLEIMAN, A. B. Leitura e prática social no desenvolvimento de competências no ensino médio. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 23-36.

KLEIMAN, A. B. Letramento e formação do professor: quais as práticas e exigências no local de trabalho? In: KLEIMAN, A. B. (Org.). **A formação do professor: perspectivas da Linguística Aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 39-68.

KLEIMAN, A. B. **Análise e produção de textos**. In.: Maria T. G. Pereira (org.) Língua e linguagem em questão. Rio de Janeiro: Editora da UERJ. 1997, p. 261-283.

KLEIMAN, A. B. Modelos de Letramento e as Práticas de Alfabetização na Escola. In.: KLEIMAN, A. B. (org). **Os Significados do Letramento: Uma nova perspectiva sobre a prática social de escrita**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1995. p. 15-64.

KLEIMAN, A. B.; SANTOS, C. B. dos. Estudos de Letramento do Professor: Percursos metodológicos. In.: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (orgs). **Visibilizar a Linguística Aplicada: Abordagens teóricas e metodológicas**. Campinas: Pontes Editores, 2014. P. 183-204.

LATOUR, B. **Reagregando o Social: Uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador/BA: EDUSC, 2012.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: Definição e funcionalidade. In.: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 19-36.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 4ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

NASCIMENTO, M. do. A Alfabetização como Objeto de Estudo: Uma perspectiva processual. In.: ROJO, R. (org). **Alfabetização e Letramento: Perspectivas Linguísticas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. P. 33-60.
nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

Portal Febrace disponível em
<<http://febrace.org.br/projetos/poster/#.WCE34C0rKM8>> acesso em 20 de setembro de 2016.

REIS, A. P. dos. **Letramento Científico como Prática Inovadora numa Escola Pública Araguaense**. 2016. 223 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2016.

ROJO, R. Alfabetização e Letramento: sedimentação de práticas e (des)articulação de objetos de ensino. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p.569-596, jul./dez. 2006.

ROJO, R. O letramento escolar e os textos da divulgação científica – a apropriação dos gêneros de discurso na escola. **Linguagem em (dis)curso - Lemd**, [s.l.], v. 8, n. 3, p.581-612, set./dez. 2008.

SÁ-SILVA, J. R.; *et al.* Pesquisa Documental: Pistas teóricas e metodológicas. In.: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Ano I, n. I. 2009.

SANTOS, W. L. P. dos. Educação científica na perspectiva de letramento como prática social: funções, princípios e desafios. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 36, dez. 2007.

SIGNORINI, I. Letramento e (in) flexibilidade comunicativa. In.: KLEIMAN, A. B. (org). **Os Significados do Letramento: Uma nova perspectiva sobre a prática social de escrita**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1995. p. 161-200.

SIGNORINI, I. Letramentos multi-hipermidiáticos e formação de professores de línguas. In.: SIGNORINI, I.; FIAD, R. S. (orgs). **Ensino de Língua: Das reformas, das inquietações e dos desafios**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012. p.282-303.

_____.-Prefácio. In.: SIGNORINI, I. (org). **Gêneros Catalisadores: Letramento e Formação do Professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 7-18.

SILVA, W. R. Estudo da gramática no texto: demandas para o ensino e a formação do professor de língua materna: Eduem, 2011.112p.

SILVA, W. R. **Reflexão pela escrita no estágio supervisionado da licenciatura: pesquisa em Linguística Aplicada**. Campinas: Pontes Editores, 2014.

SILVA, W. R. Letramento científico na formação inicial do professor. **Revista Práticas de Linguagem**. Juiz de Fora: UFJF, 2016 (a sair).

SILVA, W. R. Estudos do Letramento do Professor em Formação Inicial nos Estágios Supervisionados das Licenciaturas. In.: SILVA, W. R. (org). **Letramento do Professor em Formação Inicial: Interdisciplinaridade no estágio supervisionado da licenciatura**. Campinas/São Paulo: Pontes Editores, 2012a p. 27-52.

SILVA, W. R. **Letramento e Fracasso Escolar: o ensino da língua**. Manaus: UEA Edições, 2012b.

SILVA, W. R. Empoderamento de participantes de pesquisa em linguística aplicada. **Raído**. Dourados: UFGD, v. 4, n. 8, p. 119-139, 2010.

SILVA, W. R. A prática de análise linguística no livro didático: uma proposta pós-PCN. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas: UNICAMP, v. 43, n.1, p. 35-49, 2004.

SILVA, W. R.; LIMA, P. da S.; MOREIRA, T. M. (Orgs.). **Gêneros na prática pedagógica: diálogos entre escolas e universidades**. Campinas: Pontes Editores, 2016.

SOARES, M. B. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2011.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

STREET, B. V. **Letramentos Sociais: Abordagens Críticas Do Letramento No Desenvolvimento, na Etnografia e na Educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TERZI, S. B. Transformações do Letramento nas Práticas Locais. In.: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTE, M. C. (org). **Linguística Aplicada: Suas faces e interfaces**. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 163-180.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.